

Zelina Márcia Pereira Beato

ENTWURF DE UMA TRADUÇÃO:
Gabbi Jr. traduz Freud

Dissertação de Mestrado
IEL - UNICAMP
2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANTE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA APLICADA

ENTWURF DE UMA TRADUÇÃO:

Gabbi Jr. traduz Freud

Zelina Márcia Pereira Beato

Dissertação apresentada ao Departamento de
Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para obtenção
do título de Mestre em Lingüística Aplicada

Orientador: Dr. Paulo Roberto Ottoni

Instituto de Estudos da Linguagem
Unicamp
2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE	B C
Nº CHAMADA	77 UNICAMP
	B38e
V.	Ex.
TOMBO DC	44499
PROG.	16-392/01
E	☐ ☐ ☐ ☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	16/05/01
Nº. OPD	

CM-00155211-0

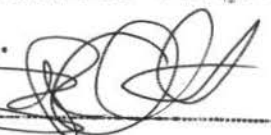
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

B38e	Beato, Zelina Márcia Pereira Entwurf de uma tradução: Gabbi Jr. Traduz Freud / Zelina Márcia Pereira Beato. - - Campinas, SP: [s.n.], 2000. Orientador: Paulo Roberto Ottoni Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Derrida, Jacques, 1930- 2. Tradução e interpretação. 3. Psicanálise. 4. *Desconstrução. 5. *Anasemia. I. Ottoni, Paulo Roberto. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
------	--

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Zelina Márcia Leite

Feato de Miranda

e aprovada pela Comissão Julgadora em

1 / 1 / 2001. 

Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite

Profa. Dra. Carmem Zink

Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni - orientador

Ao meu pai, a partir de quem construí minha história e uma identidade, e ao meu filho,
para quem queria deixar essa história e minha assinatura.

Agradeço de maneira especial ao Paulo, pela orientação carinhosa e compreensiva, pela confiança num momento difícil, mas sobretudo pelo que fez sem se dar conta: ofereceu-me as asas com as quais voei atrás de um sonho.

Ao Prof. Fábio Landa e à Profa. Viviane Veras pela leitura generosamente cuidadosa e pelas sugestões oferecidas durante a qualificação.

A cada um dos meus professores do Instituto de Estudos da Linguagem pela formação acadêmica preciosa: Kanavillil Rajagopalan, Nina Virgínia de Araújo Leite, Rosemary Arrojo, Inês Signorini e Paulo Ottoni.

À minha mãe, com quem aprendi que a persistência é essencial em qualquer busca.

Aos amigos próximos ou não, que choraram ao meu lado nas quedas e irão comigo tomar todas as cachaças. Mas especialmente à Élide e sua renque, por me abrirem um enorme coração.

À CAPES pelo apoio financeiro.

O original oferece-se na modificação de si mesmo; esse presente não é um objeto dado; ele vive e continua na mutação: 'pois em sua sobrevida, que não mereceria esse nome se não fosse mutação e renovação de alguma coisa viva, o original é modificado. Mesmo para as palavras que estão solidificadas há ainda uma pós maturação.'¹

Jacques Derrida
Des Tours de Babel

¹ Essa e todas as demais citações de textos em inglês foram por mim traduzidas, salvo textos já traduzidos, assim citados nas referências bibliográficas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO I - OS PROJETOS	
I.1 - O original e os manuscritos.....	25
I.2 - <i>Entwurf einer Psychologie</i>	31
I.3 - Um Freud milliano.....	39
CAPÍTULO II - A TRADUÇÃO <i>da</i> PSICANÁLISE	
II.1 - As notas.....	53
II.2 - Remissões.....	65
CAPÍTULO III - A TRADUÇÃO <i>na</i> PSICANÁLISE	
III.1 - A noção de original.....	83
III.2 - O sagrado.....	91
III.3 - <i>Double Bind</i>	97
III.4 - Anasemia.....	103
CAPÍTULO IV - A TAREFA TRADUTÓRIA: uma promessa de conclusão	
IV.1 - A sobrevida do texto.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	121

RESUMO

A partir da análise de uma tradução realizada por Osmyr Faria Gabbi Jr., dos manuscritos freudianos de *Entwurf einer Psychologie*, esta dissertação aborda a delicada relação do homem com a linguagem, especialmente se essa relação se dá no interior de um evento que coloca juntas a tradução e a psicanálise.

Esta dissertação examina os recursos tradutórios dos quais Gabbi Jr. lançou mão para com eles tentar realizar o seu declarado projeto: localizar na estrutura de *Entwurf* as idéias filosóficas de Stuart Mill e, ao mesmo tempo, desautorizar outras leituras, que na sua opinião, contribuem para uma visão equivocada dessa obra.

A partir da perspectiva desconstrutivista de Jacques Derrida, que reflete sobre o caráter transformador da tradução, e das idéias de Nicholas Abraham acerca da natureza anassêmica do discurso freudiano, minha dissertação localiza na tradução de Gabbi Jr. os traços que apontam que o tradutor, em sua relação com o texto original freudiano, está sob o domínio do jogo sempre proposto pela linguagem. Diante do original, longe de poder revirar suas entranhas e arrancar-lhe a origem, o tradutor está, na verdade, sob o domínio do jogo de promessas proposto pela língua, suportando o *double bind* e sendo assombrado pelo discurso anassêmico de Freud.

Afinal, no derradeiro limite entre a promessa e o projeto, entre o que é prometido e o que é realizado, encontra-se o tradutor e seu ofício, a quem não é dado fugir desse jogo, livrar-se dessa paixão imposta pelo *double bind*, esquivar-se do assombro da *anassemia*, senão deixar-se à deriva da promessa para no seu encalço, como em busca do sonho, realizar aquilo que acredito ser sua tarefa singular, dar sobrevida a um e a todos os textos.

SUMMARY

Analyzing the translation of the manuscript of *Entwurf einer Psychologie* made by Osmyr Faria Gabbi Jr., this dissertation approaches the delicate relation between man and language, specially if this relationship takes place in the interior of such an event which draws together translation and psychoanalysis.

This thesis examine the translation devices used by Gabbi Jr. when trying to fullfil his so said project: to spot the philosophical ideas of Stuart Mill in the structure of *Entwurf*. At the same time throught his translation, Gabbi Jr. hopes to discredit other readings that, in his opinion, contribute to a misinterpretation of such work.

From the interior of Derrida's deconstruction and his reflections about the way trnaslation transforms the original, and also taking into account Nicholas Abraham's ideas about the *anassemic* condition of Freud's language, my work points out in Gabbi Jr.'s translation the traces that shows how the translator deals with Freud's originals.

Far from being able to get into its guts and getting there the origem, the translator is, in fact, within the game of promisses proposed by any language, supporting the *double bind* and being haunted the the anassemic discourse of Freud.

Finally, in the very far limits between promisses and project, between what is promised and what is accomplished we find the translator and his/her task. Language is the game he/she is not allowed to escape from, it is the passion he/she is not permitted to get rid of, it is the language haunted by the *anassemy* that keeps the translator captive in the process of translation necessity and impossibility. All the translator is allowed is to pursue this promise, as if chasing a dream. This is what I name the singular character of his/her task: to promote the survival of one and of all texts.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta uma reflexão, no campo da tradução, que busca tornar detectáveis os conflitos que surgem na delicada relação do homem com a linguagem, do tradutor e as línguas do original e da tradução, e de forma especial, quando o texto a ser traduzido é um texto de psicanálise.

Nesse trânsito, entre a língua estrangeira e a língua materna, o tradutor se vê às voltas com uma série de questões que lhe são impostas pela dinâmica tradutória e pelo saber psicanalítico. São questões que, inevitavelmente, surgem da impossibilidade de um acesso cirúrgico a uma suposta verdade original, a uma presença incontestável. Essa reflexão é importada dos textos, principalmente, de Jacques Derrida e Nicholas Abraham, que costuram suas idéias em torno de original, tradução e psicanálise, no caso de Derrida, e da linguagem e do saber psicanalítico, no caso de Abraham. Como contraponto a essas reflexões, alguns autores se agregam, especialmente: Jean Laplanche, Ginette Michaud e Patrick Mahony. Nesse encontro entre a tradução e a psicanálise, as especificidades de ambas se entrelaçam e fazem surgir questões próprias que marcam de maneira bem localizada o que é o acontecimento tradutório de um texto de Freud, e, nesse caso, meus questionamentos em relação à tradução ressoam mais contundentes quando o original a ser traduzido é um texto da obra freudiana.

A partir da perspectiva da desconstrução, que desestrutura a noção de original como verdade e a tradução como seu resgate, busco demarcar como o tradutor, no trato com o original, se vê arrebatado pela imposição do *double bind*. É na tentativa de domar a linguagem do original

que o tradutor deixa sinais de estar sofrendo o que chamamos a dupla lei da tradução, a necessidade e a impossibilidade de realizar o que deve permanecer no campo da promessa.

Ao examinar a tradução do texto *Entwurf einer Psychologie*, feita por Osmyr Faria Gabbi Jr., busquei identificar os contornos que tais questões adquirem quando o texto a ser traduzido traz a assinatura de Sigmund Freud. Se toda relação do tradutor com o original já nasce marcada pela necessidade de negociação de significados, justo porque essa relação se dá em torno das línguas materna e estrangeira, quando o acontecimento tradutório toma forma a partir do texto psicanalítico, além de suportar o *double bind*, outra questão transparece nesse acontecimento, a natureza anassêmica do discurso freudiano.

No caso dessa tradução em especial, Gabbi Jr. dá sinais de estar à mercê desse jogo proposto pela linguagem de Freud, quando declara que o objetivo de sua tradução é propor uma leitura filosófica da obra freudiana que traduz. Nessa necessidade de localizar Stuart Mill em Freud, o tradutor lança mão de vários recursos, que chamaria de estratégias tradutórias, que, ao contrário de realizar seu projeto, o que faz é mostrar a impossibilidade de levá-lo a cabo, de forma consistente.

Se o texto freudiano é considerado um texto sagrado, se a linguagem de Freud transforma seu saber num discurso anassêmico e alusivo, se o saber psicanalítico resiste às tentativas de sistematização, essa relação do tradutor com o original freudiano revela uma relação especial que procuro localizar na tradução de Gabbi Jr..

No primeiro capítulo, nomeado de *Os Projetos*, além de apresentar os textos sobre os quais me debrucei: o original de Freud, a história que envolveu a elaboração de seus manuscritos, e a tradução feita por Gabbi Jr., incluindo aí as notas e os objetivos para elas anunciados, minha

preocupação foi apresentar e refletir sobre o projeto tradutório de Gabbi Jr., qual seja, localizar as idéias de Stuart Mill na estrutura do modelo neurológico exposto em *Entwurf*. Nessa análise, procuro apontar que, a despeito de seus esforços, há um descompasso entre o que anuncia o projeto filosófico de Gabbi Jr. e o que realiza a sua tradução.

No segundo capítulo, *A tradução da Psicanálise*, minha intenção é mostrar que contornos teve o projeto tradutório de Gabbi Jr.. Ao examinar a tentativa do tradutor de desautorizar as leituras dessa obra feitas por outros estudiosos do texto de Freud, o que se dá nesse processo é a necessidade de se admitir que o texto freudiano, e de resto qualquer texto, só pode oferecer promessas, nunca verdades cristalinas e exatas. Ao discutir a polêmica presença, latente ou não, da noção de pulsão de morte no princípio da inércia, que Freud usa como elemento organizador de seu modelo neurológico para dar conta das elaborações psíquicas, Gabbi Jr. deixa exposta a falta de garantias, a impossibilidade de apontar no texto, na sua linguagem, as evidências que pudessem garantir os significados que busca. Neste capítulo, de forma bem mais dramática, está ilustrada a difícil relação do tradutor com o texto freudiano, com seus conceitos e com sua linguagem. A análise do recurso que nomeio de remissões, a estratégia que o tradutor usa de remeter o leitor de uma nota a outra, na tentativa de cercar conceitos que surgem em vários momentos em suas notas, traz à tona a forma como o tradutor inevitavelmente se deixa dominar pelo *double bind*.

O quarto capítulo, *A Tradução na Psicanálise*, a partir de uma reflexão de Jacques Derrida em torno do conceito de original em Freud, e de um levantamento do conceito de tradução, assim como foi usado metaforicamente por Freud, tanto no plano da linguagem, quanto no interior de sua teorização como um paralelo para as elaborações psíquicas, parto numa trilha

reflexiva que analisa a natureza sagrada do texto freudiano. A partir da idéia de que a sacralidade nasce da identificação de um intocável no interior do texto, e que, ao resistir à apreensão, esse núcleo é o elemento que deflagra a dinâmica do *double bind*, impondo a necessidade de que lhe traduzam, mas ao mesmo tempo, interditando essa realização, identificamos aquele resto intocável que move todo e qualquer gesto tradutório. A partir disso, o que acontece é o adiamento infinito da conclusão, um fechamento prometido mas para sempre adiado e diferente.

Ainda nesse quarto capítulo, faço uma reflexão sobre a natureza particular do que se convencionou chamar “a língua de Freud”, sua decisão de usar uma linguagem cotidiana para anunciar conceitos próprios do campo de conhecimento que inaugurava. Essa particularidade de seu discurso, ao qual Nicholas Abraham deu o nome de *anassemia*, é mais um elemento complicador nessa relação do tradutor com o texto de freudiano.

Por fim, no capítulo *A Tarefa tradutória: uma promessa de conclusão*, procuro localizar nessa dinâmica tradutória qual a tarefa da tradução e do tradutor. Se nos capítulos anteriores, exponho tudo aquilo que não fazem a tradução e o tradutor, nesse capítulo final, à guisa de conclusão, meu objetivo é declarar o que é possível realizar a tradução e o tradutor, se não lhes é dado o poder de trazer a inquestionável e totalmente pura verdade do original, é, no entanto, da tradução que nasce a possibilidade de sobrevida do original. Se o desejo de Gabbi Jr. de apresentar um Freud milliano não é possível como verdade inquestionável, seu projeto materializa um novo fôlego, uma nova leitura, uma sobre-vida a esse apaixonado texto de Freud.

Capítulo I - Os Projetos

I.1 - O original e os manuscritos

Meu Deus, que vontade me deu de escrever um
poeminha...
Olha, agora mesmo vai passando um!
Pst pst pst
Vem cá para que eu te enfie
Na fieira de meus poemas
Vem cá para que eu te entube
Nos comprimidos de minhas obras completas
Vem cá para que eu te empoeite
Para que eu te enritme
Para que eu te enlire
Para que eu te empégase
Para que eu te enverse
Para que eu te emprose
Vem cá...
Vaca!
Escafedeu-se.

Traduzido de Raymond Queneau
Poesias
Mário Quintana

Em 1995, a editora Imago publicou uma nova tradução² do texto *Entwurf einer Psychologie* de Sigmund Freud (Projeto de uma Psicologia), realizada por Osmyr Faria Gabbi Jr.. Essa nova tradução teve como justificativa o centenário da composição dos manuscritos originais por Freud e o desejo, declarado no prefácio, de contribuir para "o aprofundamento dos estudos

² A tradução já existente faz parte da edição brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos*, traduzida do alemão e do inglês sob a direção geral e revisão técnica de Jayme Salomão, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1976.

da psicanálise no nosso meio". Para além da aparente banalidade que envolve a retradução de um texto original qualquer, uma nova tradução de um texto psicanalítico inevitavelmente traz à cena questões fundamentais para uma possível reflexão em torno da tradução, da psicanálise e do enredo comum dramatizado por ambas, ou seja, a relação do homem com a linguagem (cf. Berman, 1992). Esse é justamente um dos objetivos desta dissertação: refletir sobre a relação do tradutor com sua própria língua e com a língua do outro, um tema recorrente na reflexão sobre tradução em geral, mas que adquire contornos próprios na tradução do texto psicanalítico.

Esta dissertação tem como proposta examinar a tradução, realizada por Osmyr Faria Gabbi Jr., focalizando de forma particular as 531 notas elaboradas pelo tradutor³ - e que, em grande parte, não se constituem naquilo que convencionalmente são chamadas "notas do tradutor". São exatamente essas notas, "esse pequeno sinal [...] que, na maior parte das vezes, [...] marca uma falha na tradução, uma derrota, até mesmo uma resistência do tradutor, e onde aflora, mais claramente que em outra parte, a sua angústia" (cf. Michaud 1998, p. 94), que trazem à luz o efeito do *double bind* que se impõe ao tradutor, no momento em que esse se lança à tarefa necessária e impossível de traduzir; a tarefa metafórica e babelicamente descrita por Jacques Derrida como "a apropriação do nome, proibido e necessário no intervalo entre dois nomes absolutamente próprios" (cf. 1985, p. 170).

Nesse cenário tão rico, tão revelador, em que se constituem as N. do T., terei como objetivo refletir, a partir da perspectiva da desconstrução, sobre o campo comum no qual psicanálise e tradução se encontram – a língua - uma vez que, no acontecimento tradutório, a natureza particular da linguagem psicanalítica revela-se.

³ Doravante, essas notas serão referidas como N. do T. ou simplesmente 'notas'.

*Entwurf einer Psychologie*⁴, foi escrito por Freud em 1895 e publicado postumamente em 1950, a partir de seus manuscritos, que curiosamente não receberam nenhum título⁵. Esse trabalho, segundo nos informa o editor inglês no prefácio à tradução do texto de Freud, faz parte da tentativa de Freud de elaborar uma "Psicologia para neurologistas" (cf. *Standart Edition*, p. 381). Freud declara em uma de suas cartas a Fliess que se sentia atraído por essa psicologia, mas que foi a partir de um contato mais próximo com as neuroses que essa idéia começou a atormentá-lo (ibidem, p. 381). Freud tinha como objetivos: descobrir que forma teria a teoria do funcionamento psíquico se nela se aplicasse um método de abordagem quantitativo e, ao mesmo tempo, extrair da psicopatologia tudo o que pudesse ser útil à psicologia normal.

A elaboração desses manuscritos foi cercada de percalços. De fato, a redação de *Entwurf* é iniciada em seguida a um encontro de Freud e Fliess em Berlim, quando, ainda no trem, Freud inicia um breve resumo do que, nas palavras do editor da *Standart Edition*, seriam "as primeiras folhas escritas a lápis do *Projeto* tal como o possuímos hoje". Depois de redigi-lo em duas ou três semanas, Freud deixou o texto inacabado, não lhe poupando críticas, terminando por abandoná-lo mais tarde, totalmente relegado ao esquecimento. Conta o editor que Freud, já velho, ao reencontrar o texto, procurou destruí-lo de todos os modos (cf. Jones 1953, apud S. E. 1976).

A primeira edição em alemão foi publicada em Londres em 1950. A tradução inglesa aparece quatro anos mais tarde, inevitavelmente, enfrentando uma série de problemas. A começar pelas dúvidas que cercaram a precisão da versão alemã. Segundo o prefácio do editor inglês, um exame minucioso das fotocópias do manuscrito e da versão publicada deixou evidente uma

⁴ De agora em diante, referido apenas como *Entwurf* ou *Projeto*.

⁵ O título em alemão *Entwurf einer Psychologie* foi escolhido pelos compiladores de *Aus den Anfängen der Psychoanalyse* (Dos Primórdios da Psicanálise); o título em inglês, *Project for a Scientific Psychology*, em *The Origins of Psycho-Analysis*, foi escolha do tradutor (S.E., p. 381).

série de divergências. O maior problema não residia exatamente no fato de o original se constituir num trabalho manuscrito, pois, como registra o editor da *Standart Edition*, "a caligrafia de Freud não é muito difícil de ser decifrada, [...] e Freud nunca riscou uma linha, as páginas de seus manuscritos se sucedem completamente isentas de alterações" (cf. p. 385). As dúvidas em relação a *Entwurf* - definido pelo editor como "quarenta mil palavras do mais conciso raciocínio" - não se ligavam a questões textuais. Os problemas surgiram em relação à interpretação de expressões usadas por Freud e à melhor forma de apresentá-las ao leitor. Outro problema apontado pelo editor inglês seria a própria escrita de Freud, que, em sua opinião, "não foi um escritor meticuloso e cometeu um determinado número de deslizes" (cf. S.E., p. 386). Mas nenhum problema foi maior que o uso de abreviações, com frases escritas em estilo telegráfico: Freud não apenas usou abreviações de palavras, mas também omitiu artigos e verbos. Além do uso das letras gregas ϕ , ψ e ω (*phi*, *psi* e *ômega*) e dos sinais alfabéticos Q e Qη "como sinais estenográficos para noções bastante complexas" (ibidem, p. 388).

A partir dessas informações históricas e das circunstâncias especiais que cercaram o nascimento e a elaboração de *Entwurf*, é compreensível que esse texto se encontre cercado de divergências no que tange à sua interpretação. São extensas as referências a essa obra de Freud e às conjecturas sobre as possíveis ligações entre *Entwurf* e os conceitos posteriores de Freud. Uma possibilidade contra a qual o editor fez questão de lançar uma advertência:

existe o risco de que o entusiasmo possa causar uma distorção do uso dos termos de Freud e atribuir às suas observações às vezes obscuras interpretações modernas descabidas. E, afinal de contas, não se deve esquecer que o próprio Freud terminou

repudiando toda a estrutura neurológica [...] O *Projeto* deve continuar sendo o que é: uma obra inacabada, rejeitada por seu criador (ibidem, p. 393).

A preocupação do editor inglês com os termos de Freud é de que sofram "distorções", que atribuam às suas palavras "interpretações modernas descabidas". De certa forma, ele sintetiza o que preocupa uma parcela significativa do meio psicanalítico, isto é, a interpretação e a transmissão dos ensinamentos freudianos. Mas o texto do *Projeto* segue seu próprio destino, independente do que planejou seu criador. Nem Freud pôde decidir os destinos de seus manuscritos, nem ele pôde evitar sua disseminação. Freud não pôde evitar que *Entwurf* sobrevivesse no advento de sua publicação, de sua primeira tradução, e nem pode impedir que continue com sua vida renovada, através de novas leituras e novas traduções.

I.2 - *Entwurf einer Psychologie*

Lust 14 Verse zu schreiben...
Armer Dichter! ... Er kann es aber nur vertäuschen...
Überall irren verschiedene Zeichen umher
Unmöglich für jemanden sie zu entziffern

Poesias
Mário Quintana
(Trad. Carmen Zink)

Gabbi Jr. teve como original uma transcrição desses manuscritos feita por Ingeborg Meyer-Palmedo em 1987. Nessa edição brasileira de 1995, a tradução do manuscrito de Freud ocupa as páginas 10 a 102. A partir da página 105 até o final, pág. 225, Gabbi Jr. concentra o que chamou de "notas críticas sobre *Entwurf Einer Psychologie*" (cf. p. 103), totalizando 531 incursões feitas por ele tendo como referência a obra de Freud.

Numa pequena introdução a essas notas, o tradutor declara que a sua, "como qualquer tradução, [é] uma 'traição', mas [...] apenas no sentido de pressupor explicitamente uma interpretação desta obra que, embora traga o nome de Freud, jamais foi publicada pelo autor" (ibidem, p. 105). O tradutor oferece então uma justificativa para seu modelo de notas, já que essas não se encaixam exatamente naquele conceito de nota de tradução classicamente concebida como o lugar em que o tradutor justifica suas escolhas ou oferece informações culturais que julga relevantes, alegando que essas "pretendem ao mesmo tempo compor um quadro de *Entwurf* e

sugerir uma certa leitura filosófica da teoria freudiana" mas, sobretudo, "permitir uma compreensão pontual de inúmeras passagens" (ibidem, p. 105). O objetivo explícito de Gabbi Jr., mais que retraduzir o original de Freud, é "compreender *Entwurf*". Como declara na orelha do livro: "o resultado da nossa investigação foi mapear o papel que a filosofia de John Stuart Mill⁶ desempenha na formulação da teoria do aparelho psíquico presente em *Entwurf*". Segundo Gabbi Jr., "o naturalismo explícito da teoria psicanalítica transformou-se nas mãos desses senhores [Lacan e seus discípulos] em um exemplo de leitura equivocada, ideológica, que não mereceria ser feita pois impediria um verdadeiro retorno a Freud".

Apesar de saber da dificuldade que envolve qualquer processo de classificação, mas consciente da necessidade de fazê-lo, proponho dividir essas 531 notas elaboradas por Gabbi Jr. em três tipos principais. A classificação que se segue, mesmo que coerente e razoável, não deixa de ser arbitrária, justamente pela impossibilidade de se estabelecer critérios absolutamente claros e cristalinamente demarcados. Admito que tal divisão não se processou de forma tranqüila, uma vez que, nesse processo, caberiam outros critérios e, dentro desses eleitos relevantes, várias possibilidades diferentes de arranjo. Além disso, como será visto mais adiante, em muitos momentos a classificação e o levantamento estatístico feitos mostram que as notas se sobrepõem, extrapolam as categorias nas quais se inserem e, muitas vezes, guardam características tais que seriam possíveis novas e diferentes categorias. Porém, por uma necessidade metodológica, e também para evitar uma categorização exaustiva, a classificação proposta e o levantamento estatístico apresentados são aqueles que melhor servem aos propósitos deste trabalho.

⁶ Gabbi Jr. faz referência a duas obras de Mill: *A System of Logic*, de 1843, e *An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy*, de 1865.

O primeiro tipo de N. do T. foi, por mim, nomeado de *notas de sentido*, identificando aqueles espaços nos quais o tradutor justifica suas escolhas em relação às palavras que empregou na tradução de determinados termos do alemão. Como exemplo desse tipo de nota, transcrevo a nota #10:

Traduzimos *Leistung* por *desempenho* para conservar a concepção de Freud de que se trata de descrever o sistema nervoso como uma máquina. As outras opções possíveis, *função* (S.E.), *operação* (Amorrortu e PUF), foram descartadas. A primeira porque dá preferência, sem nenhuma justificativa, ao modelo biológico; a segunda porque nem sempre se mostra adequada em todas as ocorrências. Foi decisivo, para nossa escolha, o fato do alemão recorrer ao termo *Leistung* em sentenças como *Der Motor hat, bringt eine Leistung von 150 PS* (O motor tem, proporciona, um desempenho de 150 cavalos). Desempenho é entendido no sentido de exprimir a conservação da quantidade de movimento. Em suma, o princípio da inércia expressa a tendência do sistema nervoso de evitar que ajam sobre ele forças que o obrigariam a abandonar seu estado de repouso (p. 113).

Essa nota demonstra como Gabbi Jr. busca "conservar a concepção de Freud de que se trata de descrever o sistema nervoso como uma máquina", ou seja, o tradutor precisa garantir qual é a concepção que Freud faz do sistema nervoso e, para tanto, faz uma longa justificativa pretendendo garantir que a escolha lexical efetivamente traduzirá todo o significado que acredita

estar encapsulado na palavra *Leistung*. Nesse gesto significativo, materializado nas notas como um todo e nessa nota #10 em particular, encontramos o tradutor à mercê do *double bind*, isto é, sujeito ao desejo de se apropriar do original, de domar e revelar os "verdadeiros" significados de Freud, sofrendo a necessidade e a impossibilidade da tradução, uma vez que nenhum dos termos a sua disposição parece lhe oferecer os mesmos recursos de sentido da palavra original. Nesse momento, quando não vê na própria língua o sentido que busca, tudo lhe é estranho.

Um segundo tipo de nota seria as que nomeio *notas de esclarecimento*. Nesse espaço, além das notas de linguagem, Gabbi Jr. muitas vezes inclui esclarecimentos sobre o sentido com o qual entender determinadas palavras, frases ou expressões, podendo às vezes surgirem reflexões teóricas sobre as questões da psicanálise. Um exemplo desse esclarecimento dado pelo tradutor é a nota #53:

O termo *inconsciente* é usado aqui para referir-se a processos fisiológicos, para qualificar tais processos, ou seja, como adjetivo. No final do parágrafo, ao afirmar "cabe inferi-los como as outras coisas naturais", **Freud expressa claramente seus pressupostos naturalistas**. A observação também indica que tais processos não são conhecidos diretamente, ou seja, não acessíveis diretamente através do sentidos. Contudo, a falta de um acesso direto, imediato, não significa que eles seriam objeto de uma intuição intelectual, que seriam de alguma maneira *a priori*. Para Freud, se algo não é diretamente obtido pelos sentidos, não implica nem que seja inexistente, nem que seja inato (p. 124, negritos meus).

Novamente, podemos identificar Gabbi Jr. tentando dar lastro à leitura que fez do texto de Freud, quando supõe ver "claramente" os pressupostos expressos por Freud. É importante para o tradutor buscar em Freud os sentidos exatos, claros; uma garantia de que os significados nasceram do autor, de que seus conceitos apresentam-se puros, livres de qualquer contaminação. Gabbi Jr. precisa garantir o sentido do qual acredita estar investido o termo *inconsciente*.

Por último, teríamos aquelas que identifico como *notas teóricas*: notas a partir das quais o tradutor faz uma reflexão sobre as questões teóricas apresentadas pelo texto de Freud. Numa inegável tentativa de suplementar o pensamento de Freud, de oferecer ao leitor uma explicação mais detalhada daqueles conceitos elaborados pelo pai da psicanálise tendo como referência a filosofia de Stuart Mill. Aqui seria interessante examinar a nota #105:

A dor seria totalmente regulada pelo princípio da inércia no caso do sistema nervoso primitivo. No entanto, dado que a necessidade da vida criou a necessidade da memória, Freud depara-se com o problema de explicar como se forma a memória de uma vivência de dor. Já se pode adiantar que na recordação da dor há desprazer e defesa, mas não há dor (p. 135).

Nessa nota, o tradutor faz reflexões sobre a construção teórica de Freud, tentando dar suporte à leitura que faz dessa teorização, de seus pressupostos e das implicações decorrentes destes. Nesse aspecto, sua reflexão procura garantir que o leitor de sua tradução verá o mesmo sentido que ele próprio lê no trecho ao qual sua nota faz referência. Ou seja, Gabbi Jr. quer garantir que o seu leitor entenda o que Freud está elaborando, como o faz e quais as implicações filosóficas e

teóricas de seu modelo, segundo a perspectiva que está a oferecer.

Essa classificação, entretanto, não acontece de forma tranqüila, não apresenta limites estanques, uma vez que em vários momentos, algumas das notas se sobrepõem, podendo ser classificadas tanto como notas de esclarecimento, quanto como notas teóricas, por exemplo.

As três categorias, *notas de sentido*, tipo I, *notas de esclarecimento*, tipo II e *notas teóricas*, tipo III, aparecem, nessa ordem, em número crescente de incidência, ou seja, há um número total de notas do tipo I, superado em muito pelo número de notas do tipo II, que por sua vez é ultrapassado pelo número de notas do tipo III.

Dentre as 531, há treze *notas de sentido*, sendo que apenas uma única nota, # 502, pode ser classificada como exclusivamente como *notas de sentido*. Em três outras notas, além da justificativa tradutória, aparecem mesclados esclarecimentos da linguagem freudiana, o que me leva a classificá-las de *notas de sentido e de esclarecimento* : # 10, #29 e # 118.

As notas # 6, # 15, # 21, # 154, # 173, # 215, # 330 e # 400 são *notas de sentido e teóricas*, pois que, no espaço da nota, encontram-se simultaneamente justificativas tradutórias e esclarecimentos teóricos.

Finalmente, a nota # 295 se encaixa nas três categorias, porque reúne no mesmo espaço os três tipos de notas.

Na categoria II, *notas de esclarecimento*, encaixam-se todas aquelas notas nas quais Gabbi Jr. faz esclarecimentos sobre a linguagem, palavra ou expressões, do texto freudiano, totalizando 64 notas. Também essas notas, em número bem maior que as *notas de sentido*, encontram-se mescladas com as duas outras categorias I e III.

Como *notas de esclarecimento* somente, poderia listar as notas # 7, # 36, # 46, #67,

#101, # 107, # 130, # 143, # 153, # 164, # 180, # 271, # 342, # 376, # 381, # 472 e #521. Sendo que a nota # 271 faz um esclarecimento quanto à data - 25 de setembro de 1895 - que aparece no final do texto de Freud. Gabbi Jr. explica que essa data seria a data da entrega da Parte I de *Entwurf* para Fliess, o que a destaca do bloco de notas do tipo II, visto não se tratar de um esclarecimento de linguagem, característica que marca as notas tipo II.

As notas restantes se dividem em notas que mesclam-se com os tipos I e III. As notas #2, #11, # 17, # 28, # 35, # 48, # 53, # 91, # 104, # 117, # 124, # 135, # 141, # 150, #151, # 155, #69, #180, # 182, # 194, # 239, # 247, # 251, # 261, # 263, # 277, # 278, #280, # 291, # 296, #303, #314, # 326, # 328, # 335, # 346, # 364, # 390, # 394, # 418, #424, # 470, # 474 e # 518 podem ser classificadas de *notas de esclarecimento e teóricas*, uma vez que Gabbi Jr. as usa para fazer esclarecimentos de vocabulário, tanto quanto para esclarecer a teorização de Freud.

Abstenho-me de listar aqui as notas que mesclam os tipos II e I ou mesmo I, II e III, posto que já foram citadas anteriormente, quando fiz o levantamento das *notas de sentido*.

Para finalizar, restam as notas tipo III, *notas teóricas*. Nessa categoria encontra-se a maioria das notas de Gabbi Jr., 456 no total. Destas, somente 437 podem ser classificadas exclusivamente como *notas teóricas*. As 75 restantes seriam aquelas listadas acima, simultaneamente categorizadas como notas do tipo I e III, *notas de sentido* e, ao mesmo tempo, *teóricas* ou notas do tipo II e III, *notas de esclarecimento* e, igualmente, *teóricas*.

I.3 - Um Freud milliano

Todos lhes dão. Com uma disfarçada ternura, o nome,
tão apropriado de vira-latas. Mas e os vira-luas? Ah!
Ninguém se lembra desses outros vagabundos noturnos,
que vivem farejando a lua, fuçando a lua,
insaciavelmente, para aplacar uma outra fome, uma
outra miséria, que não é a do corpo...

Os Vira-Luas
Poesias
Mário Quintana

O objetivo declarado do tradutor Gabbi Jr., ao propor uma nova tradução de *Entwurf*, incluindo em seu texto esse número significativo de N. de T. é, em princípio, entender o manuscrito de Freud, buscando em seu texto vestígios que comprovem que usou pressupostos filosóficos importados do pensamento de Stuart Mill. Essas notas, de uma maneira geral, buscam exatamente "mapear" essa influência do filósofo inglês, refletindo sobre as implicações que acarretam.

Essa leitura filosófica proposta por Gabbi Jr. atende ao seu objetivo em duas frentes possíveis: primeiro, sustentar a ligação que faz entre a teoria de *Entwurf* e a reflexão de Stuart Mill em *A System of Logic* e *An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy*, e segundo, a partir de um "verdadeiro retorno a Freud", desautorizar outras leituras diferentes dessa. Gabbi Jr. cita como exemplos de leituras equivocadas *Freud l'Inconscient*, de J. Nassif ou "Lacan e seus

discípulos", que, ao "lerem" Freud via Hegel e Heidegger, "tornavam sem sentido qualquer aproximação entre Freud e o empirismo inglês" (ibidem, p. 107).

O filósofo de que fala Gabbi Jr., John Stuart Mill, nasceu em Londres em 1806, filho de outro filósofo, James Mill. Resultado de uma formação acadêmica não formal, Mill não freqüentou escola e foi educado pelo pai, deixando uma vasta produção intelectual no campo da lógica, da economia política, da filosofia, da psicologia. Do ponto de vista estritamente filosófico, todo o pensamento de Stuart Mill insere-se dentro da tradicional corrente do empirismo. Sua abordagem dos problemas éticos, políticos e lógicos supõe uma certa concepção da experiência, segundo a qual a mesma se compõe de representações atomizadas, estanques, que se reúnem por processos de associação. Dessas associações resultam as idéias. O próprio Mill formulou quatro leis da associação psicológica, que segundo Gabbi Jr., foram usadas por Freud na construção de seu modelo psíquico, a saber: lei da semelhança (dois fenômenos semelhantes tendem a ser pensados juntos); lei da contigüidade (fenômenos experimentados juntos tendem a ser pensados conjuntamente); lei da repetição (associações produzidas por contigüidade tornam-se mais certas pelo efeito da repetição) e a lei da associação inseparável (dois fenômenos encontrados sempre juntos criam uma ligação tão forte entre eles que não somente se concebem como inseparáveis as idéias desses fenômenos como também as coisas por eles representadas). Daí a constituição de duas ordens de realidade, a partir de um conjunto de representações neutras: de um lado, o mundo dos objetos, e do outro, o mundo da vida mental. As quatro leis da associação psicológica constituíram, assim, as leis fundamentais de explicação dos fenômenos psíquicos. Estes, em última análise, seriam produtos de impressões proporcionadas pela experiência. Conseqüentemente, as ciências e o saber que não estejam fundamentados na experiência e

pretendam alcançar algum conhecimento fora dos limites da mesma são falsos⁷. Em suas notas, Gabbi Jr. faz referência às leis de Mill apontando os momentos quando essas idéias estariam servindo de ponto de partida para as reflexões freudianas.

Para reafirmar a ligação entre Freud e Mill, Gabbi Jr. busca em *Entwurf* os traços que estabeleceriam ligações estreitas entre *Entwurf*, *Zur Auffassung der Aphasien*⁸ (*Sobre a concepção das afasias*, de 1891) e a filosofia de Mill. Na nota #1, Gabbi Jr. nos dá uma pista de qual será a estratégia da qual lançará mão para comprovar sua hipótese. Nessa nota, segundo afirma o tradutor, a idéia de propor uma psicologia científico-naturalista remonta a *Auffassung*. Gabbi Jr. afirma que, neste trabalho, em que apresenta uma teoria sobre o aparelho da linguagem, Freud recorre a duas noções básicas: representação de palavra e representação de objeto, que, segundo indicações do próprio Freud, teriam como fonte de inspiração as duas obras capitais de Stuart Mill. Gabbi Jr. transcreve, em sua nota, a passagem de *Auffassung*, na qual Freud supostamente indica essa ligação entre esse seu trabalho e as idéias de Mill:

Inferimos da filosofia que a representação de objeto não contém nada de diferente além da aparência de uma 'coisa' sobre a qual falam as diferentes 'propriedades' das impressões dos sentidos que recebemos de um objeto; todavia admitimos a possibilidade de uma série maior de novas impressões dentro da mesma cadeia associativa (*Auffassung*, p. 80, apud Gabbi Jr. 1995).

⁷ (cf. *Sistema de Lógica dedutiva e outros textos*, John Stuart Mill, traduções de João Marcos Coelho, Pablo Rubén Mariconda - *Os Pensadores*, 3ª ed., São Paulo: Abril Cultural, 1984).

⁸ Daqui por diante *Auffassung*.

A partir dessa passagem, pinçada do texto das afasias, Gabbi Jr. estabelece a ligação entre Freud e Mill, concluindo: "A 'filosofia' que serve de inspiração é, portanto, a filosofia de Mill" (ibidem, p. 106). Como declara a seguir, seu intuito não é afirmar que *Entwurf* seja um prolongamento daquela filosofia, mas

tão-somente deixar evidente o principal solo filosófico no qual as noções centrais da psicanálise foram cultivadas e que muitas das dificuldades encontradas, ou salientadas por Freud, estão presentes em qualquer concepção que assuma pressupostos semelhantes (ibidem, p. 106).

Gabbi Jr. tem como meta encontrar a filosofia de Mill na estruturação do aparelho psíquico elaborada por Freud. Ao discutir a opção de Freud de usar o modelo de Mill, Gabbi Jr. justifica os vários problemas enfrentados por Freud, justamente por assumir seus pressupostos filosóficos. Ao expor esses problemas, o tradutor aponta inconsistências, impasses e restrições teóricas que se impuseram a Freud como consequência dos pressupostos filosóficos que assume. Essa é uma das grandes preocupações de Gabbi Jr.. Em muitas de suas notas, ele faz reflexões sobre os problemas que Freud supostamente enfrentou, procurando fundamentar esses problemas nos pressupostos importados da filosofia de Mill.

Com efeito, Gabbi Jr., ao construir no espaço das notas uma cartografia para "entender Freud", passa a analisar supostas inconsistências, contradições e dificuldades de Freud para sustentar o modelo neurológico exposto em *Entwurf*. Na visão de Gabbi Jr., ao assumir a filosofia de Mill e todos os seus pressupostos, Freud põe em risco, por exemplo, a possibilidade de

explicar de forma totalmente consistente os processos psíquicos como diferenças quantitativas. Sem pretender explicar em detalhes o modelo Freudiano, cabe aqui apenas indicar o pressuposto maior que norteia sua elaboração: "Todo acontecimento, toda impressão psíquica, é dotada de um certo montante afetivo que é descarregado pelo eu (*Ich*) ou pela via da reação motora ou por um trabalho psíquico associativo [...] algo que possui todos os atributos de uma certa quantidade, que é capaz de aumento, diminuição, deslocamento e eliminação" (cf. Freud 1888 e 1893, apud Gabbi Jr. p. 108).

Ao tentar justificar a aproximação que faz entre as teorias freudianas e as idéias de Mill, Gabbi Jr. em alguns momentos apresenta elos bastante frágeis e genéricos. Na nota #27, por exemplo, a partir de seguinte frase de *Entwurf*: "os neurônios ψ são portadores da memória e, assim, provavelmente dos processos psíquicos em geral" (cf. p. 13), Gabbi Jr. argumenta que Freud estaria privilegiando a memória como o fundamento dos processos psíquicos, e conclui: "a prioridade concedida à memória é também uma característica da psicologia de Mill" (cf. pp. 118-9). Para Gabbi Jr. o privilégio dado à memória como atividade essencial dos processos psíquicos, presente tanto na teorização de Freud quanto na filosofia de Mill, é evidência da proximidade de ambas. Esse suposto privilégio dado à memória é uma característica de teor bastante genérico para que possa ser usada incontestavelmente como prova de ligação entre a teorização de um e a filosofia do outro.

Em outra nota, #44, Gabbi Jr. afirma: "aliás ele [Freud] em *Entwurf*, na mesma direção de Mill, defenderá a tese de que só podemos ter uma crença na existência do mundo externo (ver nota 180)" (cf. p. 122, *itálicos meus*). O fato de as idéias de Mill e Freud se apresentarem embicando "na mesma direção" não é, de forma alguma, evidência forte o suficiente para

justificar uma aproximação entre Freud e qualquer outro filósofo. A adesão ao naturalismo, à crença no mundo exterior, certamente não é exclusividade de Mill, muito menos de Freud, uma vez que essa adesão ao naturalismo marcou o que é normalmente chamada de filosofia moderna, período iniciado por Francis Bacon (1561-1629) e René Descartes (1596-1650). Portanto, essa "adesão ao naturalismo" pode ser considerada um sinal bastante genérico para que seja apresentada como evidência de aproximação teórica entre ambos. Nesse sentido, esse argumento poderia também justificar uma aproximação entre Freud e qualquer outro filósofo naturalista a cujas idéias ele tenha tido acesso. A se guiar por tal parâmetro, a adesão às idéias positivistas, estaria justificada uma aproximação não apenas entre Freud e Mill, mas também, entre Freud e Comte, Freud e Spencer, Freud e Fichte, e, finalmente, entre Freud e Hegel, justamente a aproximação contestada por Gabbi Jr.⁹.

Somadas a essa argumentação de Gabbi Jr., que pretende apresentar evidências da aproximação entre a filosofia de Mill e as idéias freudianas, viriam somar-se algumas, apresentadas pelo próprio Gabbi Jr., que, na direção contrária aos seus esforços, indicariam uma não comunhão entre aqueles dois pensadores. Dentre aquelas notas em que Gabbi Jr. cita nominalmente o filósofo, algumas apresentam reflexões e comentários do tradutor que demonstram que as idéias de Freud e Mill, na contramão dos anseios de Gabbi Jr., estariam seguindo "direções diferentes". Na nota # 51, por exemplo, Gabbi Jr. afirma:

aqui há uma *diferença acentuada* com a filosofia de Mill. Freud, apesar de acreditar que a consciência forneça um conhecimento imediato de algo, ou seja, ter

⁹ Auguste Comte (1798-1857), filósofo francês; Herbert Spencer (1820-1903) positivista inglês; Gottlieb Fichte (1762-1814) e Friedrich Hegel (1770-1831) filósofos cujas idéias foram marcadas pela primazia da reflexão.

consciência do desprazer é saber imediatamente que se tem uma sensação de desprazer, descreve, *diferente de Mill*, os processos psíquicos em terceira pessoa (p. 123, itálicos meus).

Gabbi Jr. apresenta nessa nota, uma evidência que conspira contra sua própria hipótese. Na verdade, o que faz Gabbi Jr. é mostrar um dos momentos em que não há aproximação entre Mill e Freud. Segundo o próprio Gabbi Jr.:

a psicologia científico-naturalista, dadas as suas teses, recusa a identidade entre o psíquico e o consciente. Não seria incorreto sugerir que a noção de inconsciente psíquico resulta da necessidade de acomodar três crenças distintas - naturalismo, fenomenismo (doutrina segundo a qual só existem fenômenos) e indução científica - com descrições em terceira pessoa (p. 123).

Ora, descrever os processos psíquicos em terceira pessoa, como faz Freud é um sinal do pressuposto assumido por ele, a saber: a não identidade entre o psíquico e a consciência, resultando dessa não identidade, a necessidade da noção de inconsciente. Diferente de Mill que descreve os processos psíquicos em primeira pessoa, estando assim, ainda segundo a leitura de Gabbi Jr., dando mostras de partir de um pressuposto diferente daquele que orienta Freud, ou seja: uma possível identidade entre o psíquico e a consciência. Dessa forma, apesar da declaração de que suas notas têm por objetivo "sugerir uma certa leitura filosófica da teoria freudiana" (cf. p. 105), e entenda-se aqui a filosofia de Mill, o que se passa no espaço dessa nota #51 é uma

descrição que vai de encontro à proposta de Gabbi Jr., isto é, exatamente ao contrário de sua declaração, o argumento do tradutor descreve o que há de divergente entre o pressuposto que orientou o pai da psicanálise e o pensamento do filósofo inglês.

Há ainda outras notas nas quais Gabbi Jr. procede da mesma forma, isto é, tornando evidentes os momentos em que Freud e Mill se distanciam. Na nota #435, Gabbi Jr. apresenta algumas das idéias de Freud que o afastariam do empirismo inglês. Nas palavras de Gabbi Jr.: "o interesse filosófico de *Entwurf* reside em *modificações essenciais* que Freud introduz em uma concepção empirista clássica, como a de Mill" (cf. p. 207, itálicos meus). Gabbi Jr. faz uma relação dessas modificações introduzidas por Freud: a) a tese de que quando se trata da sexualidade a imagem é mais intensa do que a coisa; b) a noção de que a consciência não é um depósito de imagens e palavras, mas algo que interpreta [...]; c) as descrições em terceira pessoa; d) separação conceitual entre eu e consciência (cf. p. 207). Ora, "modificações essenciais" sugere que essas teses, noções e conceitos seminais, portanto, estruturalmente importantes, não estavam presentes na reflexão de Mill. Esse argumento do tradutor nos traz, ao contrário do que anuncia, sinais da diferença entre as idéias de ambos, nunca da semelhança.

Ainda a ilustrar o descompasso entre o que é anunciado e o que é apresentado, na nota #256, por exemplo, Gabbi Jr. aponta o momento, dentro da teorização freudiana, em que Freud toma uma direção contrária àquela de Mill. Para Gabbi Jr.:

a teoria da significação adotada por Freud, [...] supõe que a única função das palavras é denotativa, *ao contrário de Mill*, que reconhece que os nomes também podem referir-se a propriedades das coisas. Em *Auffassung*, Freud recusou que os

nomes pudessem referir-se a adjetivos (p. 169, *itálicos meus*).

Gabbi Jr. ainda confirma que essa diferença entre as idéias de Freud e Mill extrapolaram *Entwurf* concluindo: "em nenhum outro lugar, até onde eu saiba, Freud admitiu os adjetivos como nomes." (cf. p. 169). Se, como afirma Gabbi Jr., em *Entwurf* Freud desenvolve "uma teoria da significação", uma divergência em relação à natureza denotativa ou não dos adjetivos é bastante significativa. Ao contrário do que aspira Gabbi Jr., nessa nota, seu argumento traz à baila muito mais a distância entre a teorização freudiana e as idéias de Mill, do que a anunciada aproximação entre ambas.

O filósofo e tradutor Gabbi Jr. tem como hipótese uma suposta ligação filosófica entre Mill e Freud. Como declara na introdução à suas notas, sua tradução teve como objetivo "interpretar a obra" segundo esse propósito, literalmente, "sugerir uma certa leitura filosófica da obra" (cf. p. 105). Gabbi Jr. tradutor embarca em sua empreitada lastrado pelo conceito de original como presença e de tradução como resgate. Dentro dessa visão de tradução, o original é uma testemunha ocular, que pode oferecer provas evidentes do fato - a ligação Mill e Freud via pressupostos filosóficos. A crença na origem estável e pura orienta o filósofo Gabbi Jr. em seu desejo de encontrar Mill em Freud, e está sugerida na declaração que faz de que esse é seu objetivo ao traduzir *Entwurf*. Entretanto, o tradutor Gabbi Jr., ao se entregar a essa tarefa proposta pelo filósofo Gabbi Jr., não pode cumprir seu propósito de resgate. O que se vê nas N. do T. é um descompasso entre o que busca o filósofo e o que realiza o tradutor; é um deslocamento entre o que declara um e o que descreve o outro. O filósofo declara o que quer dizer, mas o que faz o tradutor é descrever o que não quer dizer. Seria leviano supor ingenuidade em Gabbi Jr., esperar

que ele fosse capaz de controlar o próprio discurso, não se entregando ao jogo sempre proposto pela linguagem - uma dança infinita de interpretações, que jamais garantem um significado preexistente, senão testemunham as infindáveis possibilidades, renovadas pela época, pelos objetivos que orientam o tradutor, pelo ideal que orienta sua leitura. A Gabbi Jr. só é possível entregar-se à fatalidade da língua, à disseminação que não se estanca, às incertezas; a ele só é permitido desejar ver Mill em Freud. A linguagem jamais permite que se encontre nela sinais que garantiriam esse desejo materializado em verdade absoluta, e no caso da língua de Freud, da linguagem da psicanálise, essa falta de garantias é ainda mais desconcertante.

A polêmica que ronda as traduções, as diversas interpretações, a compreensão e o ensino do saber psicanalítico é um indício dessa falta de garantias, dessa falta de evidências claras, das incertezas, das "frequentes polissemias", "das sobreposições semânticas", de uma linguagem dentro da qual "nem sempre palavras diversas apelam para idéias diferentes" (cf. *Vocabulário da Psicanálise*, p. 6). Uma particularidade que não escapou à ciência do próprio pai da psicanálise, daquele que decidiu empregar o vocabulário quotidiano da língua alemã para falar de coisas jamais ditas. Freud, evitou elaborar um vocabulário que fosse considerado mais tecnicamente apropriado para a construção de um saber científico. Como ele mesmo resumiu numa carta a James Jackson Putnam, quando esse lhe consultou sobre quais seriam as traduções corretas a serem feitas para o inglês. Freud demonstrou preocupar-se pouco com uma linguagem muito específica, já que orientou-o a não se deter demasiado a nomes e conceitos afirmando: "vamos abrindo nosso caminho para o progresso científico enchendo garrafas velhas com vinho novo" (apud Ornston Jr. 1999, p. 26).

Mesmo declarando ter como projeto, como objetivo, contribuir para o "progresso da

ciência", ciente de que elaborava conceitos novos, Freud emprega um vocabulário quotidiano, não específico. Como presume Laplanche na introdução do seu *Vocabulário da Psicanálise*, Freud não foi buscar no grego ou no latim uma terminologia técnica, como havia acontecido historicamente com a psicopatologia clássica (cf. p. 6), mas catou palavras na linguagem quotidiana, já cheia de significados e sentidos diversos, para atribuir-lhes novas funções, novas concepções.

CAPÍTULO II - A TRADUÇÃO *da* PSICANÁLISE

II. 1 - As notas

Lili vive no mundo do Faz-de-conta... Faz de conta que isto é um avião. Zzzzuuu... Depois aterrissou em piquê e virou trem. Tuc tuc tuc tuc... Entrou pelo túnel, chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! O trem descarrilou. E o mocinho? Onde é que está o mocinho? Meu Deus! Onde é que está o mocinho?! No auge da confusão, levaram Lili para a cama, à força. E o trem ficou tristemente derribado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha.

Mentiras
Poesias
Mário Quintana

Além dessa desejada e pretendida aproximação filosófica entre Freud e Mill, como expõe na nota #1, essa tradução leitura, como foi apresentada por Gabbi Jr., busca deixar evidente a impropriedade de determinadas leituras feitas por outros estudiosos da obra freudiana. Apesar de anunciar na introdução à suas notas que a sua, "como toda tradução", é também "uma 'traição'", quando traição significar uma "leitura filosófica", quando representar "uma interpretação dessa obra" (cf. p. 105), Gabbi Jr. estabelece uma diferença entre o que fazem outros estudiosos quando se debruçam sobre a obra freudiana, daquilo que ele próprio faz, quando se propõe compreendê-la pontualmente. Na sua visão, enquanto outros teóricos atribuem ao texto freudiano características que não estão lá, uma vez que sua intenção é desautorizar as

leituras que fazem, a leitura que ele próprio encena não é senão um resgate preciso das verdadeiras intenções de Freud, dos significados exatos de sua linguagem, dos reais pilares que sustentam o modelo neurológico construído no *Projeto*. Apesar de considerar sua tradução uma traição, justo porque "sugere uma certa leitura filosófica da obra freudiana" (cf. p. 105), Gabbi Jr. tem como ambição proporcionar "um verdadeiro retorno a Freud", aspira a que sua leitura seja um gesto de fidelidade às verdades psicanalíticas protegidas pela linguagem especial da psicanálise, pela língua usada de forma toda própria por Freud.

Um dos momentos em que Gabbi Jr. contesta outras leituras que não a sua, está exposto na nota #26, quando o tradutor discute o princípio da inércia e os três grandes pressupostos que sustentam o modelo psíquico de Freud. Numa organização apresentada pelo próprio tradutor, esses pressupostos seriam: P1 - identidade neuronal - todos os neurônios seriam idênticos; P2 - diferença quantitativa - todas as diferenças são quantitativas; P3 - o espaço do aparelho psíquico é pensado como função da quantidade (cf. p. 117). Em seguida a essa reflexão, Gabbi Jr. passa a argumentar sobre "o absurdo" que há na associação que se faz entre a lei da inércia e a pulsão de morte. Segundo suas palavras, "como vários comentadores insistem que a noção de pulsão de morte estaria antecipada na noção de princípio da inércia vale a pena mostrar o absurdo de tal crença" (ibidem, p. 117).

O pressuposto maior que orienta a construção do modelo neuronal é a diferença quantitativa, que toma como seu fundamento organizador a lei da inércia, uma idéia partilhada por Gabbi Jr. (ibidem, p. 109) e J. Laplanche (cf. *Vocabulário de Psicanálise*, p. 463), visto ser esse princípio mencionado por Freud no texto de *Entwurf* (cf. Freud 1995, pp. 11-12). No comentário de Gabbi Jr., alguns estudiosos da obra freudiana veriam, de forma imprópria, a

noção de pulsão de morte latente na lei da inércia, usada por Freud como princípio organizador do funcionamento psíquico. Como afirma: "vários comentadores insistem que a noção de pulsão de morte estaria antecipada na noção de princípio de inércia" (cf. p. 117). Para "mostrar o absurdo de tal crença", Gabbi Jr. começa sua argumentação, fazendo uma longa exposição desse conceito da física; e o faz, em detalhes, em pelo menos três notas diferentes:

Nota #7: [...] a lei da inércia não deve ser entendida como uma tendência ao repouso; caso contrário, todos os objetos do mundo estariam em repouso e não seria possível a ocorrência de choques entre eles. No entanto, o princípio da inércia não expressa somente a ausência de variação no tempo da velocidade dos objetos, ou seja, de acelerações, de forças, mas igualmente de quaisquer movimentos. Em outras palavras, o princípio da inércia exprime um caso particular da lei da inércia, aquele onde a diferença entre movimento e repouso é nula (p. 112).

Nota #26: O princípio da inércia, totalmente mecânico, indica, como já assinalamos, ausência de variação na quantidade de movimento de um suposto objeto que estaria em repouso absoluto. Ora, todo objeto existente está em movimento. Por conseguinte, o princípio aplica-se a um objeto fictício, teórico. Sua função é assinalar a prioridade da quantidade externa sobre a interna (pp. 117-8).

Nota #2: [...] lei da inércia, como expressão da tendência de um corpo para conservar sua quantidade de movimento enquanto não for perturbado por outro corpo. Mais tarde encontraremos uma referência a leis gerais do movimento (ver nota 64) (pp. 109-10).

Gabbi Jr. procura, nessas três notas, fundamentar a idéia de que Freud usou a lei da inércia assim como ela se apresenta na física. Ou seja, Gabbi Jr., considera que Freud manteve-se fiel à lei ou ao princípio da inércia, exatamente como é exposto na física. Pode-se afirmar que, para Gabbi Jr., Freud usou esse conceito de forma fechada e precisa.

Partindo dessa sua perspectiva, Gabbi Jr. pode contestar a associação que se faz entre pulsão de morte, tendência de retorno ao anorgânico, e o princípio da inércia, tendência do corpo para conservar sua quantidade de movimento. A partir dessa visão de Gabbi Jr., para associar um ao outro, seria preciso desconsiderar que a lei da inércia se refere à ausência de variação no movimento, tomando-a como uma tendência ao repouso absoluto. Sendo assim, sob sua perspectiva, não faz sentido estabelecer uma ligação entre a pulsão de morte e o princípio da inércia, uma vez que a primeira se define como tendência radical para levar a excitação ao nível zero (cf. *Vocabulário da Psicanálise*, p. 465), enquanto que o segundo não fala da ausência de movimento, mas antes, da tendência de se conservar a quantidade de movimento preexistente. Nesse sentido, o tradutor Gabbi Jr., na mesma nota #7, faz um esclarecimento da maneira como deve ser entendida uma expressão usada por Freud: "*aspira libertar-se de Q*", dando a essa frase um sentido que contribua para reforçar seu argumento. Como escreve Gabbi Jr.:

Aspira libertar-se de Q significa manter inalterada a diferença entre repouso e movimento, ou seja, manter constante a quantidade de movimento presente. *Q igual a zero* é equivalente a *ausência de qualquer variação na diferença entre repouso e movimento* (p. 112).

O esclarecimento feito por Gabbi Jr., em relação a como entender essa frase de Freud, é um prenúncio de sua tentativa de cercar a linguagem freudiana de forma a atender seus objetivos. A leitura que faz dessa expressão freudiana, tem por objetivo reforçar seu argumento de que Freud considera a lei da inércia *ipsis literis* como apresentada pela física. Para Gabbi Jr. é necessário que essa frase seja lida de forma que essa leitura contribua para reforçar seu argumento de que Freud fala de manutenção de diferença entre repouso e movimento, e não de tendência ao repouso absoluto, o argumento que viria reforçar a tese contrária, a ligação entre a lei da inércia e a pulsão de morte.

Ao contrário do que aspira, longe de apresentar um texto técnico, com um vocabulário preciso e específico, que tem necessidade de ser entendido e passar adiante conhecimentos, a linguagem freudiana não se presta a qualquer fechamento. Encontrar "a organização conceitual da psicanálise" por detrás das palavras é "uma tarefa laboriosa", como constata Daniel Lagache no prefácio ao *Vocabulário da Psicanálise*, a propósito do texto psicanalítico:

é a simplicidade da expressão freudiana que torna imperceptível o seu tecnicismo. A verdadeira dificuldade não está aí, pois só acessoriamente se trata de uma dificuldade de ordem lingüística. Se o Freud escritor se mostrou inventivo, a

verdade é que se preocupou pouco com perfeição do seu vocabulário (p. 6).

No caso específico do *Projeto*, como obra incipiente, pertencente ao nascedouro de todo um campo de conhecimentos, a questão é ainda mais complexa, como ilustra toda essa polêmica em torno do conceito de pulsão de morte. Apesar de não estar citado nominalmente no texto do *Projeto*, até porque Freud só apresentaria tal conceito de maneira formal no texto *Para Além do Princípio do Prazer*, um quarto de século mais tarde, existe a polêmica se tal conceito estaria ou não latente em *Entwurf*.

Se, como alega Lagache, a terminologia da psicanálise sofre com a falta de um vocabulário técnico herdado diretamente de Freud, está aberta uma brecha ainda maior para que a polêmica, as conjeturas, as diversas leituras se acerquem de seus textos. Como alega, ainda Lagache, em tom desconsolado, acontece com a linguagem da psicanálise o mesmo que ocorre com outras linguagens, está marcada pela polissemia, pelas sobreposições semânticas, pelo emprego de palavras diversas apontando para conceitos semelhantes. Se a disseminação de sentidos marca a linguagem comum, como admite Lagache, no caso da linguagem da psicanálise, isso toma contornos dramáticos, exatamente porque a psicanálise representa um campo de saber importante e extenso, a exigir compreensão e transmissão no seio da comunidade que se organizou ao seu redor.

Gabbi Jr. busca entender a dinâmica teórica de Freud, busca entender as expressões que usa e a linguagem que emprega a fim de encontrar o sentido que deseja no texto que traduz. O tradutor Gabbi Jr. atribui ao texto de Freud precisamente aqueles sentidos que contribuam para comprovar sua hipótese: o absurdo de ver a noção de pulsão de morte latente no princípio da

inércia. Por outro lado, analisando a forma como Laplanche trata essa mesma questão, isto é, a associação entre pulsão de morte e princípio da inércia, encontramos uma situação diferente. Laplanche faz uma leitura diversa da mesma questão, justamente porque sua teoria é de que haveria uma ligação estreita entre esses dois conceitos. Segundo a definição de Laplanche, pulsão de morte é "a tendência fundamental de todo o ser vivo para retornar ao estado anorgânico" (ibidem, p. 529), isto é, a pulsão de morte resume o que há de mais fundamental na noção de pulsão, "o retorno a um estado anterior, ao repouso absoluto do anorgânico" (ibidem, p. 535). Definição essa que em nada parece diferir daquela assumida por Gabbi Jr., uma vez que Laplanche, ao introduzir "princípio da inércia" em seu *Vocabulário de Psicanálise*, afirma:

Princípio de funcionamento do sistema neurônico postulado por Freud no *Projeto de uma Psicologia* (*Entwurf einer Psychologie*, 1895): os neurônios tendem a evacuar completamente as quantidades de energia que recebem (p. 462).

Apesar de concordarem no comportamento do sistema neurônico - desembaraçar-se das quantidades de energia que recebem - Gabbi Jr. e Laplanche assumem visões diferentes no que tange ao uso que Freud faz do princípio da inércia ao aplicá-lo em seu modelo. Ao discutir o uso freudiano daquele princípio da física, Laplanche conjectura:

[...] para Freud, o aparelho neurônico comporta-se como se tendesse, não só para descarregar as excitações, mas ainda para manter depois afastado das fontes de excitação. Perante as excitações internas, o princípio de inércia já não pode

funcionar sem sofrer uma profunda modificação; com efeito, para que haja descarga adequada, é necessário uma ação específica⁹, que exige, para ser levada a bom termo, a constituição de uma certa reserva de energia. [...] A relação entre o uso feito por Freud da noção de princípio da inércia e o seu emprego em física mantém-se bastante frouxa: a) em física, a inércia é uma propriedade dos corpos em movimento, enquanto para Freud ela não é encarada como uma propriedade do que é *móvel*, isto é, a excitação, mas como uma tendência ativa do *sistema* em que as quantidades se deslocam; [...] (ibidem, p. 463).

Laplanche continua, em sua reflexão, analisando o uso que Freud fez da lei da inércia. Para os meus propósitos seria desnecessário expor todo o seu argumento, bastando me fixar na frase acima que revela a forma como Laplanche percebe o uso freudiano da lei da inércia: "a relação entre o uso feito por Freud da noção de princípio da inércia e o seu emprego em física mantém-se bastante frouxa" (ibidem, p. 463).

Existe, portanto, uma diferença entre as posturas de Gabbi Jr. e Laplanche no que se refere à associação entre pulsão de morte e a lei da inércia. Gabbi Jr. parte do pressuposto segundo o qual Freud usou o princípio da física de forma estrita, portanto, dando lastro ao seu argumento de que não se poderia "ver" a noção de pulsão de morte latente em *Entwurf*. Enquanto Gabbi Jr. parte do pressuposto de que Freud assume a lei da inércia exatamente como é anunciada pela física, Laplanche, ao contrário, parte do pressuposto de que Freud assumiu a lei da inércia de

⁹ A expressão "ação específica", no contexto do *Vocabulário de Psicanálise*, vem seguida de um asterisco (*), que indica que tal expressão mereceu uma explicação naquele glossário, aqui omitido no corpo da citação.

forma "frouxa", impondo-lhe "profundas modificações" e, dessa forma, abrindo uma brecha para que se possa argumentar que a noção de pulsão de morte está, realmente, latente no *Projeto*.

Definitivamente, não é possível saber de que forma Freud assumiu a lei da inércia ao aplicá-la em seu modelo neuronal. Não há em seu texto evidências que comprovem uma ou outra hipótese. O que podem fazer Gabbi Jr. e Laplanche é somente conjecturar a respeito, apostar numa ou noutra possibilidade. E nesse contexto, o texto psicanalítico apresenta-se como um texto especial porque, como vimos, oferece-se às diferentes interpretações, a possibilidades de leituras diversas. Gabbi Jr., quando direciona a maneira como deverá ser entendida a expressão *aspira a libertar-se de Q*, busca na construção do sentido a base sobre a qual sustentar sua hipótese, sua leitura.

A proliferação de sentidos, a controvérsia na interpretação, não nos parece um acontecimento incomum dentro do campo da interpretação psicanalítica, a julgar pelos argumentos de Laplanche, Cotet e Bourguignon em *Traduzir Freud*, quando comentam sobre a possibilidade de se interpretar de maneiras opostas determinada passagem de *Homem dos Lobos*. Nesse caso apresentado por Freud, o tema da castração estaria sujeita a uma interpretação "corrente" e a uma outra, possível, feita por Lacan. Na primeira, julgada corrente por Laplanche e seus colegas, "recalcar" e "rejeitar" fariam parte da mesma atitude psíquica. Na interpretação oposta, feita por Lacan, enquanto "recalcar" é saber, "rejeitar" seria o não-saber radical (cf. 1992, p. 25). Assim, como vimos nos exemplos tirados de *Entwurf* e *Homem dos Lobos*, a controvérsia é um elemento familiar na leitura, na interpretação dos textos de Freud.

Diante desses impasses, que marcam o texto freudiano, os autores de *Traduzir Freud*, fechando a reflexão iniciada em torno da controvérsia a propósito de *Homem dos Lobos*,

concluem que ser fiel a Freud, isto é, "restituir Freud a Freud é, portanto, propor um Freud *aberto* às interpretações, e não *fechado* em nome de determinada ideologia" (cf. p. 26).

O que podemos concluir a partir disso, em relação à controversa presença ou não da noção da pulsão de morte no princípio da inércia, é que a leitura de Gabbi Jr., como a de Laplanche, atende a um propósito diferente; ambas estão condizentes com as diferentes imagens que construíram ao redor do original. Como afirma Rosemary Arrojo, o tradutor é fiel à visão que tem do original, ao momento histórico e à comunidade cultural que produziu essa ou aquela tradução, aos objetivos aos quais se destinam as traduções. Segundo seu argumento em *Oficina de Tradução*,

nossa tradução de qualquer texto [...] será fiel não ao texto "original", mas àquilo que consideramos constituí-lo, ou seja, à nossa interpretação do texto de partida, que será, como sugerimos, sempre produto daquilo que somos, sentimos e pensamos (p. 44).

E é para ser fiel ao filósofo Gabbi Jr. que o tradutor Gabbi Jr. procura no texto de Freud os significados que dão sentido à leitura que deseja construir. Uma leitura que, como sugere Arrojo, é a sua interpretação do texto de partida, um reflexo do que é Gabbi Jr., do que sente e pensa o filósofo e tradutor.

Se a linguagem da psicanálise, como exemplifica as passagens de *Entwurf* e do *Homem dos Lobos*, não se presta a qualquer fechamento, não é capaz de conter a disseminação de sentidos, se não é capaz de garantir uma única interpretação, se é incapaz de apresentar conceitos

fixos e noções precisas, de forma incontestável, não há como exigir que isso seja feito pela tradução, pelas escolhas do tradutor. Considerando-se que a retórica freudiana traz em si a semente da diversidade, da possibilidade inclusive de leituras opostas, nada diferente poderá ser feito pela tradução do original freudiano. O gesto de qualquer tradutor que se debruce sobre Freud já nascerá marcado pela sua perspectiva, pela sua história, por seus propósitos, por sua ideologia. Segundo a conclusão de Michaud, esperar que o gesto tradutório seja capaz de recuperar com fidelidade e exatidão o texto freudiano, seria agarrar-se a um conceito fundamentalista e absolutista da tradução, considerando-a um fenômeno capaz de agir como "bloco totalizador, monolítico" (cf. 1999, p. 97).

Gabbi Jr., diferente do propósito por ele mesmo anunciado, não consegue de forma consistente, desautorizar outras leituras diferentes dessa que propõe. Só o que faz é mostrar uma das muitas leituras possíveis. Gabbi Jr., na tentativa de contestar a aproximação que se faz entre Freud, Hegel e Heidegger, na tentativa de contestar a leitura que localiza a presença latente da noção de pulsão de morte no *Projeto*, na tentativa de realizar um estudo exaustivo das passagens de Entwurf, se vê às voltas com uma empreitada inglória, barrada pela rebeldia própria do saber psicanalítico, minada pela linguagem freudiana. A sua leitura, não contrapondo-se àquelas de Laplanche e de Lacan, ou de qualquer outro "comentador" da obra de Freud, mas somando-se a elas, apresenta-se como igualmente possível, igualmente legítima, nem mais, nem menos correta, nem mais, nem menos fiel. Como qualquer tradução psicanalítica, a tradução de Gabbi Jr. produz psicanálise, desestruturando a própria busca pela estabilidade, indefinidamente adiando e diferindo seu grande projeto, aquele de tornar-se definitiva, de tornar-se presença em si mesma.

Esse projeto de Gabbi Jr., de traduzir Freud a partir de uma perspectiva filosófica,

expressa sua preocupação com a compreensão e, conseqüentemente, com a transmissão da psicanálise. Gabbi Jr, assim como outros tradutores de Freud, Jean Laplanche, Pierre Cotet e André Bourguignon, por exemplo, propõe que sua leitura se apresente, segundo o argumento que oferece na orelha do livro, como um "verdadeiro retorno a Freud". Espera que o texto traduzido seja capaz de resgatar os significados de Freud, sua intenção supostamente aprisionada nas palavras que empregou, para congelá-los definitivamente na tradução, perpetuando e garantindo a sobrevivência integral dos conceitos e conhecimentos construídos pelo pai da psicanálise. Ao associar Freud e Mill, Gabbi Jr. espera que o leitor da obra freudiana, ciente de que a filosofia de Mill foi um dos fundamentos de *Entwurf*, compreenda Freud de uma forma mais precisa, noutras palavras, espera que seu leitor encontre uma tradução mais fiel às idéias, aos conceitos, à história da psicanálise.

II.2 - Remissões

A gente ainda não sabia que a Terra era redonda.
E pensava-se que nalgum lugar, muito longe,
Deveria haver num velho poste uma tabuleta qualquer
- uma tabuleta meio torta
E onde se lia, em letras rústicas: FIM DO MUNDO.
Ah! Depois nos ensinaram que o mundo não tem fim
E não havia remédio senão irmos andando às tontas
Como formigas na casca de uma laranja.
Como era possível, como era possível, meu Deus.
Viver naquela confusão?
Foi por isso que estabelecemos uma porção de fins
de mundo...

A gente ainda não sabia
Nova Antologia Poética
Mário Quintana

Algumas particularidades desse conjunto total de notas foram marcando a preocupação de Gabbi Jr. em esclarecer a obra de Freud, além de apenas traduzi-la. Em várias dessas notas, Gabbi Jr. tenta mapear as intenções, os desejos e objetivos de Freud ao construir a teoria de *Entwurf*. Nessas notas, como mostra esta que se segue, Gabbi Jr. busca sustentar a sua leitura da obra de Freud, através das evidências que pressupõe encontrar em sua teorização:

A lei de Fechner traduz uma relação entre a quantidade física do estímulo e a percepção consciente da sua variação. Ela expressa, portanto, um elo entre o físico e o

psíquico. Sua aparição em *Entwurf* traduz o desejo de Freud de encontrar uma ponte entre a explicação mecânica de ψ e suas considerações a respeito de ω , ou seja, entre quantidade e consciência (# 83) (p. 130).

O tradutor, nessa nota, ilustra sua busca pelo "desejo" de Freud, por suas idéias, pelos conceitos ali expostos de forma a possibilitar o leitor "confrontar a interpretação proposta com a literatura existente" (p. 105). Isso é confirmado já que seu objetivo, declarado na introdução às notas, é justamente contribuir para "o aprofundamento dos estudos da psicanálise em nosso meio" (contracapa), através de uma "compreensão pontual de inúmeras passagens" da obra que traduz (cf. p. 105).

O interesse por oferecer aos leitores estudiosos da psicanálise uma tradução que contribuísse para esse aprofundamento dos estudos e, conseqüentemente, da transmissão da psicanálise, levou Gabbi Jr. a engendrar uma série de recursos que pudessem ajudar esse leitor nessa "compreensão pontual" de *Entwurf*.

Como o próprio tradutor declara, o recurso às notas tem como objetivo exatamente essa compreensão do original freudiano, e mais ainda, segundo uma determinada perspectiva filosófica. A importância dessas notas, dentro desse objetivo por ele mesmo enunciado, revela-se tanto no volume físico que representam dentro da obra traduzida, já que ocupam um número de páginas superior àquele destinado à tradução do texto de Freud, quanto no uso que o tradutor faz desse espaço.

Gabbi Jr. usa as notas para, primeiro, justificar escolhas lingüísticas, isto é, as opções lexicais que fez no momento de traduzir determinada palavra do alemão; segundo, para esclarecer

como devem ser entendidos os significados embutidos na retórica freudiana, tanto no que se refere a palavras ou expressões, quanto no que envolve conceitos e concepções caros à reflexão psicanalítica; e, finalmente, para conjecturar acerca dos pressupostos filosóficos que declara terem orientado a elaboração dos originais do *Projeto*, e ao mesmo tempo, refletir sobre suas possíveis implicações dentro do modelo psíquico ali proposto.

Como afirmei anteriormente, apesar de aparentemente estanques, esses três usos diferentes do espaço das notas, no fundo, contribuem para o objetivo maior, qual seja, tornar evidente a presença das idéias filosóficas de Mill nos alicerces de *Entwurf*. E podemos imaginar também que essas notas, além de todos os objetivos anteriormente mencionados, podem estar contribuindo para realizar o desejo do tradutor de deixar sua marca visível no território da obra traduzida em que isso lhe é legitimamente permitido, as N. do T.. E no caso particular da tradução psicanalítica, as notas teriam a função de abrigar o afeto transferencial do tradutor com a obra freudiana, o seu desejo de uma rescritura que promovesse uma regressão e uma conseqüente aglutinação dos sentidos. Por que não imaginar, como resume Michaud, que essas 531 notas não sejam:

a expressão de outro fantasma transferencial do tradutor freudiano, que agora toma forma do desejo de fusão e de regressão em relação à questão do sentido e dos conteúdos propriamente ditos da vida psíquica, que, aliás, sempre escaparão aos limites impostos pelo léxico de uma língua, seja ela qual for. Além disso, nessa lógica da tradução como rescritura do texto freudiano, a nota do tradutor deixa de ser utilizada num registro restrito para, ao contrário, ser objeto de uso generalizado, e a tradução se torna inseparável do comentário ou da glosa explicativa (1999, p. 108).

Valendo-se ainda do espaço das notas, o tradutor, buscando evitar dúvidas na leitura dessa obra freudiana, lança mão de outro recurso, um pouco mais sutil que aqueles mencionados anteriormente, mas que, da mesma forma, funciona como uma promessa de levar seu leitor a entender de forma abrangente a teorização freudiana. A esse recurso podemos chamar *remissões*. Em muitas de suas notas, Gabbi Jr. sugere ao leitor que leia outra ou outras de suas notas, nas quais deverá encontrar explicações mais detalhadas sobre determinado conceito por ele, ali, apenas mencionado. Enquanto expõe suas próprias reflexões, se acaso menciona um ou mais conceitos freudianos, furtando-se de repetir explicações já oferecidas alhures, Gabbi Jr. sugere ao seu leitor que vá até lá, isto é, que leia essa(s) nota(s) ou aquela(s) nota(s) nas quais tais conceitos estão mais detalhadamente expostos, com uma definição mais exhaustivamente elaborada pelo próprio tradutor.

A dinâmica de Gabbi Jr., como veremos no exemplo apresentado em seguida, é tentar cercar os conceitos a fim de não deixar seu leitor órfão de sentidos, sem todas as explicações que julga necessárias para o entendimento imediato e absoluto de seu próprio argumento e, por consequência, da própria teorização psicanalítica. Seu cuidado é evitar que qualquer idéia, conceito, raciocínio ou concepção da psicanálise de Freud exposta em *Entwurf* escape ao entendimento daquele que o lê. Como ilustração desse recurso podemos considerar alguns trechos da nota #26, reproduzidos a seguir:

Para manter P1 e P2, Freud supõe a identidade [...] Nesse sentido, ψ tem a mesma arquitetura que o novo sistema nervoso, isto é, ele também tem de reter uma certa quantidade (ver nota 9).

Como vários comentadores [...] Freud deseja indicar que das duas vivências fundamentais do aparelho psíquico (ver nota 92), a de dor tem prioridade constitutiva sobre a satisfação, ou melhor ainda, que o desprazer [...] é condição necessária para o prazer (ver nota 115). A morte [...] para intervenção do próximo (ver nota 94). O retorno visado pelo aparelho psíquico é sempre para uma constante e não para zero (p. 118).

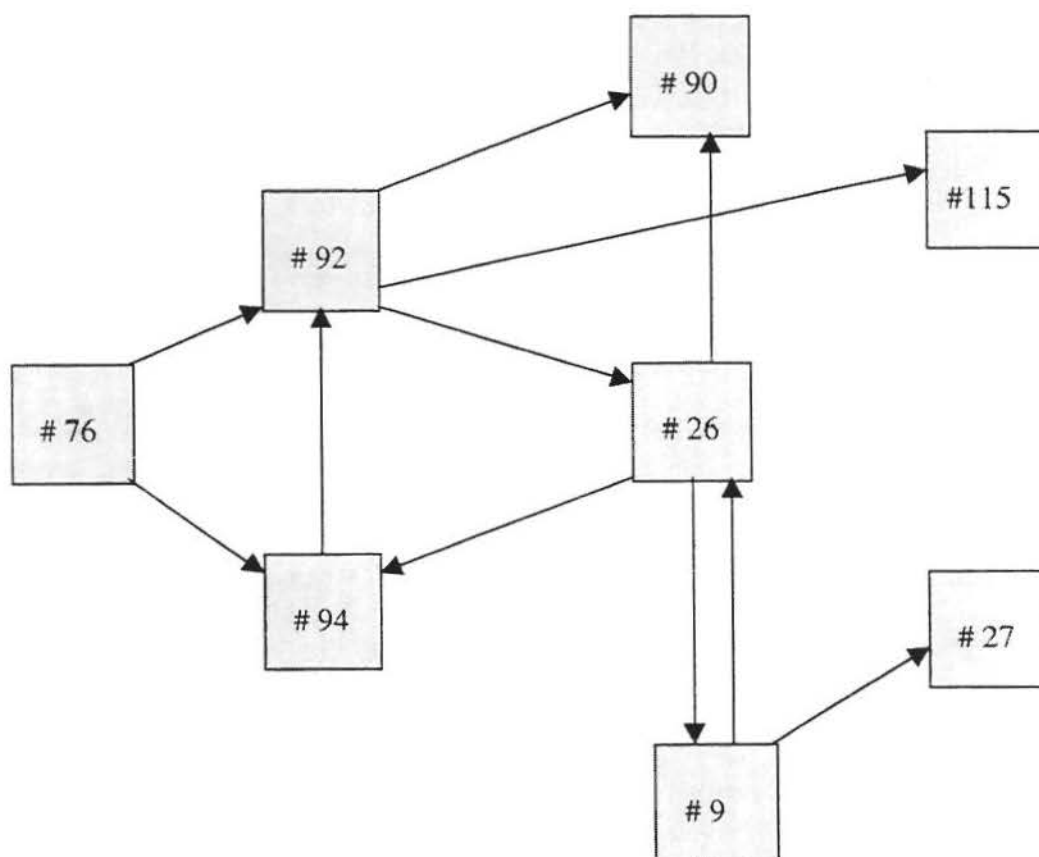
Examinando esses trechos da nota #26, vemos que o tradutor, ao refletir sobre dois pressupostos estruturais do modelo psíquico exposto no *Projeto*, menciona quatro outras de suas notas, #9, #92, #115 e #94. Sua sugestão é de que seu leitor, ao ler tais notas, possivelmente encontre os esclarecimentos necessários para entender os conceitos que foram, na nota #26, apenas mencionados. Isto é, ao falar em "novo sistema nervoso", Gabbi Jr. remete o leitor à nota #9, porque lá o próprio tradutor oferece uma explicação sobre o funcionamento do sistema nervoso em seu início, "antes de existir vida" (cf. p. 112). A mesma dinâmica orienta as remissões seguintes. Ao falar de "vivências fundamentais do aparelho psíquico", o tradutor remete seu leitor à nota #92, onde faz uma explanação desse conceito, tentando esclarecer o que vêm a ser essas vivências. Assim também acontece quando faz menção a um conceito complexo dentro da teoria freudiana, "prazer". Para esclarecer o conceito de prazer, Gabbi Jr. sugere a leitura da nota #115, na qual seu leitor encontrará uma explicação detalhada sobre a relação estreita entre dor e prazer na lógica que organiza o aparelho psíquico. Da mesma forma, ao falar em "intervenção do próximo", o leitor é remetido à nota #94, quando Gabbi Jr. introduz uma expressão não usada por Freud, "agente prestativo", aquele que é responsável por uma ação específica necessária para evitar a morte do

infante, morte que seria inevitável em face da ausência desse "agente prestativo".

Gabbi Jr. usa esse recurso em vários momentos de suas reflexões, sempre levando seu leitor a encontrar na nota para qual o remete, explicações a propósito de determinado conceito por ele mencionado. Essas remissões, não raro, dirigem o leitor a determinadas notas, que, a seu turno, também fazem remissões a outra ou outras notas. A sugestão do tradutor é de que o leitor, para cercar-se de esclarecimentos extensos em relação ao texto de Freud e das reflexões expostas nas notas, pule de uma nota à outra, num rosário, que em certos momentos se transforma numa cadeia interminável de remissões. O leitor que decide seguir todos os "caminhos" indicados pelo tradutor, longe de encontrar cada vez mais esclarecimentos, acaba perdendo-se numa intrincada teia de remissões. Se o leitor aceita esse jogo remissivo proposto por Gabbi Jr., isto é, se aceita ler todas as notas, seguindo todas as indicações de leitura, se aceita ler e reler todas as notas que Gabbi Jr. põe a seu dispor como fonte de esclarecimentos cada vez mais detalhados, longe de encontrar mais e mais esclarecimentos, o que acontece com esse leitor é que ele vai se ver preso numa nebulosa teia remissiva, cuja saída não está aparente. Aceitar o jogo remissivo de Gabbi Jr. é não mais sair das notas, pulando de uma a outra indefinidamente. Em algum momento, esse leitor terá que rebelar-se contra o jogo remissivo do tradutor para poder voltar às suas notas, e depois, rebelar-se contra as notas para voltar ao texto traduzido.

Uma tentativa de tornar gráfica essa dinâmica é o desenho a seguir que reproduz o esquema das sucessivas remissões, isso que anteriormente mencionei como sendo uma teia remissiva. No desenho, a nota primitiva de onde parte o primeiro par de remissões é a nota #76. Nessa nota, Gabbi Jr. menciona duas outras, as notas #92 e #94. Dessa forma, o leitor quando chega à nota #76, encontra a sugestão de Gabbi Jr. para que leia as notas #92 e #94. Dentro dos quadrados encontram-

se os números das notas e as sucessivas setas estão sempre indicando de qual nota parte e para quais notas é remetido o leitor. Como mostra o esquema, esse recurso acaba por criar uma série de sucessivas e intermináveis remissões. Analisando em detalhe o esquema abaixo, partindo de uma única nota, observa-se a existência de vários caminhos possíveis segundo os quais o leitor pode orientar a própria leitura. Assim:



O processo remissivo inicia-se quando o leitor, enquanto lê a tradução de *Entwurf*, encontra

no texto um sinal que remete a uma nota no final do livro. A nota escolhida para servir de exemplo em meu esquema foi a nota #76. Nosso hipotético leitor deve então abandonar o texto freudiano e proceder à leitura da nota #76. Quando inicia a leitura dessa nota, nosso leitor encontra uma nova sugestão do tradutor, a de que leia também as notas #92 e #94. Surge então uma primeira escolha: qual das duas notas ler primeiro, já que no corpo da nota #76, a remissão é simultânea. Na sugestão de leitura, Gabbi Jr. não privilegia nenhuma das duas notas: "[...] O fundamento deste último será descrito adiante (ver notas 92 e 94)" (cf. p. 128). Uma possibilidade seria optar por aquela que representa o número menor, #92. Pois bem, ao chegar a essa nota #92, o leitor encontrar-se-á, novamente diante de uma nova escolha. Como se vê no esquema, na nota #92, em diferentes pontos da reflexão que ali desenvolve, Gabbi Jr. remete o leitor a três outras notas, #90, #115, #26.

Primeiro dilema desse leitor, seguirá em frente, nessa nova trilha proposta, isto é, lendo as notas #90, #115 e #26, ou deverá voltar à nota original e proceder à leitura da nota #94, que afinal ainda está lá a sua espera. A outra opção a disposição de nosso leitor seria iniciar sua leitura a partir da nota #94, que, fazendo par com a nota de origem, #76, como mostra o esquema, também remete à nota #92. Imaginemos que o leitor decida seguir em frente, isto é, decida prosseguir na leitura das novas notas sugeridas, #90, #26 e #115. Esse leitor terá diante de si uma nova série de decisões. Primeira decisão: qual leitura privilegiar, #90 ou #26, já que novamente as duas notas encontram-se simultaneamente mencionadas nos parêntesis remissivos. Segunda decisão: em que momento deverá encaixar a leitura daquela nota #94, temporariamente esquecida? Antes ou depois de ler essas três novas remissões? E se nosso leitor, disciplinado às sugestões do tradutor, decidir por um caminho diferente? Digamos que, partindo da nota de origem no esquema, #76, seguisse para a leitura da nota #92, e daí até a nota #26, onde encontrará a sugestão de Gabbi Jr. de que leia a nota #94, donde

poderá chegar à nota #92. A essas poucas e primeiras decisões que se impõem ao leitor, tendo como referência o esquema acima, outras opções se acrescentam de maneira progressiva.

Exaustivamente, novas e diferentes escolhas apresentam-se ao leitor que aceita o jogo remissivo do tradutor, que aceita ler todas as notas que sugere que sejam lidas. Exatamente porque, se o leitor decidir-se pela leitura da nota #92, terá como uma das notas a ser lida, a já mencionada nota #26. Essa nota #26, como mencionei no parágrafo anterior, também o remete à nota #94, aquela que esteve lá, desde o início da teia, a espera de leitura e que, a seu turno, o manda de volta à nota #92. Como vemos, nosso leitor poderá chegar à nota #94 através de dois caminhos diferentes. Deverá lê-la duas vezes? Ler o que supomos ser o mesmo texto duas vezes produzirá significados diferentes? Proceder a essa leitura seguindo dois caminhos diferentes, fará alguma diferença para o leitor? Dois hipotéticos leitores que, por ventura, chegarem à #94 seguindo caminhos diferentes - um primeiro, por exemplo, pulando da nota #76, para a #92, em seguida para a #26 e daí finalmente a #94, e um segundo, partindo diretamente da nota #76 para a nota #94 - encontrarão os mesmos sentidos? Que diferença fará para o primeiro leitor chegar à nota #94 carregando consigo as leituras das notas #92 e #26, em relação ao segundo leitor que chegou a ela sem a mesma bagagem de leituras? Se nosso hipotético leitor decidir lê-la duas vezes, através dos dois caminhos possíveis e diferentes, fará alguma diferença essa dupla leitura? Vai lembrar-se de já a ter lido anteriormente? Fará, para esse leitor, alguma diferença lê-la em dois momentos diferentes, carregando uma bagagem de leituras diferentes? Encontrará numa hipotética segunda leitura, novos sentidos? Muitas são as possibilidades, até porque não há um leitor ideal, de quem se possa esperar qualquer atitude pré estabelecida.

Gabbi Jr. constrói uma intrincada trilha de remissões, furtando-se de indicar de que forma

caminhar por ela. Seu leitor vê-se diante de uma série infindável de possibilidades e escolhas, inclusive, de não aceitar o jogo remissivo proposto pelo tradutor. Vê-se diante da possibilidade de ignorar todas as remissões e restringir sua leitura às notas originais. Ou ainda, o leitor pode perfeitamente recusar, inclusive o jogo proposto pelo conjunto das notas em si. Ou seja, pode decidir ignorar todas as notas do tradutor e proceder à leitura única e exclusivamente da tradução do texto freudiano.

Esse leitor rebelde, que decidiu ignorar todas as notas de Gabbi Jr., as notas cujo objetivo declarado é propor uma certa leitura filosófica de *Entwurf*, encontrará a filosofia de Mill no texto freudiano? Se a filosofia de Mill tiver deixado marcas evidentes e incontestáveis no texto freudiano, certamente um leitor atento encontrará essas marcas, mas disso, como vimos, não há garantias. O tradutor está ciente dessa falta de garantias quando afirma que a existência das notas se justifica pela proposta da leitura filosófica que trazem; está ciente de que Mill aparece no texto freudiano a partir das notas que produz. Podemos conjecturar então, que só encontraremos Mill em Freud a partir da leitura das N. do T., sob a perspectiva de Gabbi Jr.. Ou seja, veremos Mill em Freud se aceitarmos como evidentes os sinais que Gabbi Jr. pinçou do texto freudiano. Esses sinais que pretendem sustentar a leitura que ele faz, em muitos casos, como ilustrou o exemplo da controversa latência ou não da noção de pulsão de morte, se sustentam nas suposições feitas por ele, no caso específico desse exemplo, na maneira como Freud empregou o princípio da inércia importado da física. Para Gabbi Jr., as notas funcionam como um mapa que orienta a leitura e indica nelas quais sinais tornariam evidente a presença de Mill em Freud.

Gabbi Jr. estabelece uma dinâmica, cria recursos para cercar seu leitor de esclarecimentos e definições que, segundo sua perspectiva, não deixarão dúvidas em relação aos conceitos

psicanalíticos e às características filosóficas de *Entwurf*. O tradutor apresenta um mapa aparentemente seguro que se propõe evitar dúvidas, mal-entendidos, que dariam margem a divergências no significado preciso de tal e qual conceito. No entanto, ao leitor de Gabbi Jr. é facultado o direito de montar vários caminhos, de seguir as trilhas de infindáveis possibilidades diferentes, inevitavelmente gerando sentidos novos, de qualquer maneira imprevistos. Sentidos que Gabbi Jr. não controla. Está além de seu controle a disseminação dos conceitos que pensa cercar. Quando oferece ao leitor mais e novos esclarecimentos sobre os conceitos freudianos, Gabbi Jr. está, ele mesmo, agindo como disseminador desses conceitos, produzindo uma complementação, que afinal, segundo Laplanche, Cotet e Bourguignon, é o que encontramos na nota: "a glosa, a justificativa, o comentário" (cf. 1992, p. 19). A mesma concepção de N. do T. como um lugar de explicação, de disseminação de conceitos e significados, é reforçada por Michaud para quem a glosa, longe de fixar definitivamente os conceitos freudianos, "obriga o leitor, ao contrário, a retraduzir constantemente o texto que tem sob os olhos" (cf. 1999, p. 102).

No jogo remissivo que Gabbi Jr. propõe ao leitor, as muitas possibilidades de leitura deixam abertas diferentes possibilidades de interpretação. Sua tentativa é de conter e evitar que os sentidos transitem livres, mas as sucessivas remissões e a intrincada teia que produz apenas tornam evidente a inutilidade de seu gesto, mostrando a disseminação produzida, tanto por suas sucessivas tentativas de esclarecimento, quanto pelas diferentes possibilidades de arranjo à disposição do seu leitor.

Quando supõe estar represando os conceitos, Gabbi Jr. está, de fato, tornando clara a impossibilidade de estancar sua disseminação. Quanto mais vigorosa a tentativa de manter os significados sob controle, mais robusta a constatação da inutilidade desse pretendido cerco. Como

tentativa de dar conta daquele resto que identifica na linguagem, esse recurso remissivo, traz à tona exatamente o descontrole, o derrame lingüístico, as ampliações, as sucessivas suplementações, a impossibilidade de conter a disseminação dos sentidos e o transbordamento que não se estanca. Na exata medida em que se rende à imposição da necessidade de esclarecer, de traduzir, os conceitos, de não deixar o leitor órfão de sentidos, o tradutor vê-se barrado pela impossibilidade de fazê-lo. Pressionado pela necessidade, apenas materializa a impossibilidade. Uma situação da qual não se escapa quando em processo de tradução e para a qual não há solução. O texto original, através de sua linguagem, promete um sentido exato, mas ao mesmo tempo impede sua realização. Nessa perseguição a uma promessa, o tradutor encontra sempre um resto, que apenas adia aquele fechamento prometido e nunca realizado. Só o que lhe é permitido é entregar-se a esse jogo proposto pela linguagem no processo de tradução, sofrer o dilema da necessidade e da impossibilidade. É preciso explicar, esclarecer, cercar o sentido, mas só o que se produz é a disseminação, o transbordamento, o descontrole diante das escolhas. As remissões ilustram tanto a perseguição dessa promessa, quanto o eterno adiar de um fechamento que se deseja definitivo. Uma unificação que jamais acontece, sempre postergada, sempre diferente.

As estratégias tradutórias propostas por Gabbi Jr. dramaticamente materializam sua impotência diante do jogo sempre proposto pelas línguas com as quais se envolve o tradutor. Além de, genericamente, ilustrar a relação de desconforto do tradutor no trânsito entre a língua estrangeira e a língua materna, essa tradução de *Entwurf*, de forma particular, retrata a difícil relação do tradutor de um texto psicanalítico com a linguagem da psicanálise, com a linguagem de Freud, com seus conceitos, termos, expressões, enfim, com todo um volume de conhecimentos, que se pretende íntegro e claramente definido, necessitando ser transmitido e perpetuado.

A despeito de tanta expectativa e de todas as tentativas de Gabbi Jr., de direcionar a leitura de *Entwurf*, seus objetivos escapam à sua tentativa de realização. Mesmo em face de todos os cuidados teóricos, da tentativa de localizar as idéias de Mill na estrutura do *Projeto* e de desautorizar determinadas leituras precipitadas numa obra psicanalítica incipiente, dos cuidados formais, das notas em si e do recurso das remissões, Gabbi Jr. passa ao largo do declarado intuito com o qual se lançou à tradução do texto de Freud. Essa aparente distância entre o que propõe e anuncia o filósofo e o que realiza o tradutor Gabbi Jr., longe de revelar incapacidade teórica e tradutória, ou equívoco na escolha dos procedimentos e estratégias, com muito mais força, aponta para questões mais complexas e que foram enunciadas no início desse trabalho, qual seja, a relação do tradutor com a língua, do homem com a linguagem em suma, e, no caso do tradutor do texto psicanalítico, mais ainda, da relação do tradutor com o corpo teórico da psicanálise. E porque não dizer, de qualquer leitor em face de um corpo teórico que se supõe formalizado, pronto, coeso e único.

Em primeiro lugar, há a questão do texto psicanalítico em si. O evento tradutório não apenas anuncia a impossibilidade da tradução de funcionar como elemento totalizador, aglutinador mas, no caso da psicanálise, revela que a fratura é congênita, constitutiva de sua linguagem, que nasceu junto com a linguagem de Freud, com sua decisão de usar palavras do vocabulário comum para falar de outra coisa, tirando-lhes o sentido quotidiano para falar de algo até então não dito. Como constata Abraham, "a teoria psicanalítica se recusa a toda tentativa de refundição ou de reajuste" (ibidem, p.193), exatamente porque, a partir de Freud, o discurso psicanalítico se apresenta como "maneiras de falar", de fazer aparecer o indizível (ibidem, pp. 211-2). Parte da explicação está na verdadeira "mudança semântica radical que a psicanálise introduziu na linguagem" (ibidem, p. 195), uma vez que Freud, ao introduzir um vocábulo, toma-o emprestado da língua familiar.

No caso específico do texto do *Projeto*, encontramos Gabbi Jr. às voltas com uma série de dificuldades que ilustram essa particularidade da retórica freudiana e que se reflete na sua tradução. Em vários momentos, o tradutor interrompe seu trabalho tradutório para, no espaço das notas, tentar levar a cabo o projeto que justifica sua tradução: apresentar evidências de uma filosofia, esclarecer palavras, expressões, idéias, concepções e conceitos, para, enfim, esmiuçar a obra que traduz e tornar Freud definitivamente freudiano, claro e a salvo de controvérsias. Para ilustrar tais dificuldades, seria necessário apenas resgatar os exemplos citados anteriormente nesse trabalho. Gabbi Jr. oferece-nos um exemplo da divergência que existe em torno da noção de pulsão de morte, se estaria ou não latente no modelo psíquico apresentado por Freud numa fase de sua produção intelectual, considerada pré psicanalítica. É relevante também mencionar a questão das muitas remissões com as quais Gabbi Jr. assume estar esclarecendo e cercando os conceitos expostos no original. E mais central no seu projeto de tradução está a leitura filosófica que propõe ao procurar tornar evidente que Freud se sustenta nas idéias de Mill e não na filosofia de Hegel e Heidegger, que ele confessadamente sugere ser uma "leitura equivocada". Entretanto, a dificuldade de Gabbi Jr. de lidar com o texto freudiano aparece quando, na busca pelas evidências da presença de Mill em Freud, o tradutor encontra o naturalismo explícito, a crença no mundo exterior. Essa adesão às idéias positivistas não necessariamente aproxima Freud de Mill, na medida exata em que o afastaria de Hegel e Heidegger, ao contrário, as marcas que o tradutor nos apresenta os reúne todos sob a égide de uma mesma grande corrente de pensamento, uma tendência que marcou toda uma época, um momento da história da filosofia. O momento da história da filosofia conhecido como filosofia moderna, que se inicia com Francis Bacon e René Descartes, no começo do século XVII, e se prolonga até a segunda metade de século XIX, marcado pelo pensamento profano e crítico,

representado por indivíduos que procuram pensar não de acordo com o critério da autoridade, mas conforme as exigências da razão e do conhecimento científico. Dentro dessa filosofia moderna estariam as três grandes correntes de pensamento: o racionalismo cartesiano, o empirismo inglês e o idealismo alemão, todas marcadas pela primazia da reflexão, pelo uso da razão para acercar-se do mundo externo¹⁰

¹⁰ cf. *Novo Conhecer*, Vol. X, pp. 124-6, São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial.

Capítulo III - A TRADUÇÃO *na* PSICANÁLISE

III . 1 - A noção de original

- o que não é autobiográfico?
- Até uma tela..
- Entre nós, quantos pintores já não se pintaram,
pensando que estavam pintando a ponte do riacho!

Poesias
Mário Quintana

Se, como afirmei anteriormente, no contexto da psicanálise, traduzir transforma-se num processo de negociação de significados, a resposta que melhor atenderia a essa necessidade de negociação talvez seja assumir, no terreno da tradução, a linguagem do mesmo modo como é considerada nos domínios da psicanálise, isto é, como o terreno das incertezas, do particular e do próprio. Como sintetiza Paulo Ottoni (1994), ao citar Mahony:

Para ela [psicanálise], um ato de linguagem não estabelece uma correspondência biunívoca e consciente entre interlocutores; isto é, não há uma simetria, um isomorfismo – entre o sentido, ou uma suposta intenção, de um falante ou de um texto com o que se ouve ou se lê (p. 64).

No momento em que se assume o texto como aquilo que se entrega a possíveis leituras e interpretações, assume-se também a tradução como "transformação e interpretação" do texto que,

em relação a ela, ocupa o lugar do original.

A partir de Freud, Derrida oferece-nos o conceito de original como escritura e de tradução como uma possível leitura. No texto *Freud e a cena da escritura*, ao reler a psicanálise freudiana e o conceito de tradução disseminado em seu discurso, Derrida apresenta uma outra visão do conceito metafórico de tradução como foi usado por Freud. Segundo Derrida, para ser fiel a Freud, é preciso reconhecer que a elaboração psíquica, os sintomas, os sonhos, etc., são escrituras e que traduzir essas elaborações para uma outra língua não é uma relação de simples tradução, quando parte-se do pressuposto de que haja como referência "um texto que já está ali, imóvel, presença impassível de uma estátua, de uma pedra escrita ou de um arquivo cujo conteúdo significado seria transportado sem prejuízo para o elemento de uma outra linguagem a do pré-consciente ou do consciente" (cf. 1967, p. 199). Desse modo, Derrida, relendo o texto de Freud, conclui, com e a partir desse, que, em relação ao inconsciente, não há transcrição possível de uma suposta verdade preexistente. Na leitura de Derrida, Freud oferece-nos a instabilidade da origem e a impossibilidade de uma transcrição "derivada e repetitiva" (ibidem, p. 201) do original psíquico. Só o que é possível, é uma escritura, aquilo que Ottoni chamou de "tradução-escritura" (cf. 1994, p. 72), que apenas promete uma leitura. Nesse aspecto, se toda a formação psíquica apresenta-se como uma escritura da qual se deriva uma tradução que transforma e interpreta, como supunha Freud, não há como resgatar e conservar um único significado dado, preexistente. Assim, a partir de uma origem à qual não se tem acesso, torna-se impraticável construir um corpo de conhecimentos que se pretenda único e total, simplesmente porque esse corpo psicanalítico único não existe, o que existem são interpretações, leituras, traduções transformadoras da teoria psicanalítica prometida pela obra freudiana.

É, então, a partir dessa reflexão em torno da concepção de original como escritura, ou seja, da impossibilidade de um construto coeso e definitivo, de um corpo de conhecimentos único e total, que podemos discutir a relação tradução e psicanálise. Nessa relação, torna-se inevitável abordar o próprio conceito de tradução em duas frentes aqui possíveis – tradução *na* psicanálise e tradução *da* psicanálise. Como observa Ginette Michaud, o termo *Übersetzung* (tradução) "era central nos conceitos de Freud e inseparável das noções tão capitais para a teoria psicanalítica da metáfora e da transferência" (1998, p. 96).

O conceito de tradução dentro do campo psicanalítico - e como afirma Patrick Mahony: "Freud merece, na verdade, ser classificado entre os mais importantes teóricos da tradução, pois em sua obra ele dá ao conceito um escopo, uma extensão e uma profundidade que não aparecem previamente em lugar algum da história" (cf. 1990, p. 13) - adquire um *status* paradoxal. E para Freud o conceito de tradução serviu de instrumento tanto na elaboração de seus textos, como um vocábulo empregado em substituição a outros dos quais julgava sinônimo, quanto no interior de sua reflexão, como uma noção que pudesse descrever as várias elaborações psíquicas. Mesmo admitindo que o conceito de tradução "teve importância central nos escritos de Freud", Mahony também observa que a tradução, assim como foi concebida por Freud "foi negligenciada nos comentários psicanalíticos subseqüentes" (ibidem, p. 13).

O substantivo *tradução* e o verbo *traduzir*, no caso específico do *Projeto*, aparecem empregados metaforicamente como substitutos de outros vocábulos, por Freud em vários momentos de seu texto, e também por Gabbi Jr., no corpo próprio das notas. Nessa obra em especial, Freud empregou o substantivo *tradução* e o verbo *traduzir* metaforicamente. No trecho abaixo, por exemplo, seria plausível colocar a palavra *entender* em substituição ao vocábulo

traduzir, usado por Freud, enquanto associa diferenças de quantidade com diferentes níveis de atenção:

Portanto certamente devem ocorrer Qns pequenas durante o processo de pensar. Todavia, segundo nossa suposição, a percepção e a recordação no pensar deveriam ser ocupadas mais fortemente do que na percepção simples. Além disso, há sem dúvida intensidades diferentes de atenção, que nós só podemos traduzir como diferentes aumentos das Qns ocupantes (p. 82).

Em outro trecho, Freud se vale do mesmo verbo *traduzir* já com a noção de *explicar*. Vejamos:

Com a sensação de prazer e desprazer desaparece a aptidão para perceber qualidades sensoriais que, por assim dizer, situam-se numa zona de indiferença entre prazer e desprazer. Caberia traduzir isto ao dizer que os neurônios ω , no caso de uma certa ocupação [forte], revelam um ótimo para receber o *período* do movimento neuronal; ... (p. 26).

Portanto, Freud emprega a noção de tradução para comparar procedimentos psicanalíticos, ou as diversas elaborações psíquicas, como veremos a seguir, mas ao mesmo tempo, como um termo corriqueiro da linguagem, como substituto de outros dos quais julgava sinônimo, como substituto de *explicar* e *entender*, por exemplo.

O tradutor, por sua vez, emprega tanto o substantivo quanto o verbo apenas no campo do

léxico. Em várias de suas notas, Gabbi Jr. lançou mão do substantivo *tradução* ou do verbo *traduzir* para apresentar noções que não se ligam exatamente à idéia de *reproduzir*. No exemplo que se segue, transcrito da nota #54, Gabbi Jr. emprega esse verbo como sinônimo de *transformar*: "Freud atribui à consciência a propriedade de traduzir as diferenças quantitativas do mundo externo em qualidades (cf. p.124)". Ou seja, nesse trecho, podemos entender que as diferenças quantitativas do mundo externo, no interior da consciência deveriam ser traduzidas, ou *transformadas*, em qualidade.

Gabbi Jr. também empregou o verbo *traduzir* como sinônimo de *explicar*, como é o caso da nota #81: "Para construir a forma do movimento, seria preciso traduzir a consciência em termos quantitativos (cf. p. 129)", isto é, *explicar* como funciona a consciência dentro do modelo quantitativo desenvolvido por Freud.

Num outro momento, Gabbi Jr. ainda utilizou o vocábulo *traduzir* como sinônimo de *apresentar*, como na afirmação de que:

Esta é a tese adotada em *Entwurf*. A consciência é considerada como uma noção primitiva ao lado de quantidade e neurônio; o que não impede que se procure traduzir os fenômenos da consciência como diferenças nas características temporais dos movimentos presentes nos neurônios ω . Mas, de qualquer maneira, ela implica reformular a teoria do aparelho psíquico (p. 128).

Para evitar uma enumeração exaustiva de todos os momentos em que Gabbi Jr. usa a palavra

tradução ou o verbo *traduzir* metaforicamente, apresentarei apenas mais uma nota na qual o tradutor usa o verbo como sinônimo de *significar*:

Freud deseja construir um sistema em que o efeito de uma percepção é diretamente proporcional ao número de caminhos que estímulos semelhantes produziram no passado. Por conseguinte, uma vivência de dor deixa em ψ uma tendência muito forte a ser novamente evocado, dado que quantidade externa traduz-se em ψ como complicação (p. 131).

Como ilustram todos os exemplos apresentados acima, o conceito de *tradução* ou *traduzir*, como foram usados por Freud e por Gabbi Jr., dentro dessa obra em particular, remetem a noções variadas, que vão de *transformar*, *significar* e *explicar* a *compreender*, *ler* e *apresentar*. De qualquer forma, seja de Freud, seja de Gabbi Jr., todos os exemplos do uso da noção de tradução de uma forma metafórica, para substituir diferentes conceitos, sejam eles quais forem, distanciam a noção de traduzir de um procedimento que pressuponha repetição, reprodução, mimese, o mesmo. Para Freud, e como vimos também para Gabbi Jr., o verbo *traduzir* está investido de variadas noções que, de forma insistente, apontam para um processo de transformação de alguma coisa em outra.

Ao mesmo tempo em que emprega o substantivo tradução na elaboração de seus textos, como sinônimos de outros termos da linguagem, como fez Gabbi Jr., Freud também empregou a noção de tradução com implicações mais abrangentes no interior de sua reflexão, mais precisamente, na elaboração das noções de fenômenos psíquicos.

Um levantamento dessa noção no interior da obra freudiana aponta para vários conceitos associados aos diversos fenômenos psíquicos. Na opinião de Mahony, Freud chegou a usar a palavra *Übersetzung* como um equivalente para verbalização. Para Freud, os sintomas histéricos seriam traduções do material inconsciente. O sonho manifesto, por sua vez, seria uma tradução interiorizada do sonho latente, enquanto que algumas intervenções do analista seriam também uma espécie de tradução. O próprio movimento do material no aparato psíquico pode ser compreendido como tradução. Finalmente, Freud considera a repressão como um fracasso do traduzir (cf. 1990, p. 16). Como conclui Mahony, em muitos momentos, Freud associa tradução a interpretação e a transformação, especialmente quando aproxima tal conceito do fenômeno do deslocamento e da condensação que caracterizam a construção do sonho (ibidem, p. 20).

Apesar de o conceito de tradução em Freud não ser aquele de resgate e transporte de significados exatos, a expectativa que envolve a tradução dos textos freudianos é de que essa seja capaz de efetivamente resgatar e conservar o conhecimento psicanalítico elaborado por Freud, já que, na visão disseminada no meio psicanalítico em geral, a garantia de fidelidade ao texto freudiano é crucial para a compreensão de sua teoria. Isso pode ser conferido nas muitas declarações de teóricos e tradutores de Freud.

Bruno Bettelheim, por exemplo, ao criticar "traduções equivocadas" da obra freudiana, tanto porque foram inexatas em resgatar seus conceitos, quanto em conservar o estilo de sua linguagem, declara: "somente pela compreensão em seus dois aspectos é possível apreender por completo os significados de Freud, em toda sua riqueza e sutileza, e isso é crucial para uma correta compreensão da psicanálise" (cf. 1982, p. 9). Também Inga Villarreal, ao citar a declaração feita pelos tradutores de Freud para o espanhol, defende a necessidade de rigor no

trato com a construção teórica de Freud quando afirma ser essencial, "não apenas ser rigoroso em relação aos principais conceitos da psicanálise, mas também dar uma atenção igualmente estrita às raízes da obra freudiana nos problemas básicos da antropologia e filosofia do pensamento alemão" (apud Ornston 1999, p. 149). Finalmente, Laplanche, Cotet e Bourguignon no livro *Traduzir Freud* comentam, a propósito da empreitada de traduzir Freud, que o texto que ele e sua equipe produzirão pretende ser "mais que um substituto, um verdadeiro equivalente" (cf. p. 3). Ao contrário das traduções anteriores, classificadas por eles de "ultrajantemente infiéis" (ibidem, p. 5), a sua almeja tão somente seguir o destino que atribui à tradução, isto é, de ser uma leitura que "*conhece, respeita e restitui* toda a riqueza e a ambigüidade " do original (ibidem, p. 26).

III.2 – O Sagrado

- Mas que quer dizer este poema?
perguntou-me alarmada a boa senhora.
- E que quer dizer uma nuvem? retruquei triunfante.
- Uma nuvem? – diz ela. – Uma nuvem umas vezes quer dizer
chuva, outras vezes bom tempo...

Exegese
Poesias
Mário Quintana

A complexidade que sempre envolveu o processo da tradução dos textos psicanalíticos está evidente na polêmica que o tema provoca, e que se materializou nos muitos textos teóricos que refletiram sobre o assunto¹¹. Nesse aspecto, ao contrário da perspectiva abrangente que Freud deu ao conceito de tradução, a reflexão sobre a tradução do texto psicanalítico, pressupõe a tradução como capaz de recuperar com exatidão e fidelidade o pensamento de Freud.

Essa polêmica se justifica, principalmente, se levarmos em conta a natureza sagrada atribuída ao texto freudiano. Segundo Jean Laplanche, Cotet e Bourguignon a obra freudiana "desempenha [para a psicanálise] o mesmo papel de cimento que tem o texto sagrado para uma

¹¹ Apenas a título de ilustração, poderia citar dois autores publicados em *Traduzindo Freud* (1992): Helmut Junker, que critica o que supõe serem distorções promovidas pela tradução de Strachey e Alex Holder, que faz um longo estudo sobre a diferença entre a linguagem de Freud e a linguagem materializada pela *Standart Edition*. E poderia citar também um autor brasileiro, Silveira Junior (1983), que publicou *A Tradução - dados para uma abordagem psicanalítica*, Rio de Janeiro: aouta editora ltda.

Igreja [...] Era normal que essa Igreja quisesse conservar o controle sobre o destino do texto fundador" (cf. 1992, p. 4).

A esperança que repousa na capacidade do gesto tradutório de promover a fixação de um significado único e uma tradução definitiva, e também canônica, tem raízes fincadas nessa visão da obra freudiana como um texto sagrado. Como escritura sagrada, qualquer tentativa de tradução beira à profanação, mais ainda quando o tradutor é percebido como ameaça: um sujeito interpretante, capaz de deixar marcas e distorções na fala paterna.

Nesse contexto, o tradutor freudiano, como Hermes, equilibra-se entre sacralizar e profanar o texto que deve desvendar e transmitir. Como Hermes, o tradutor freudiano deve determinar o que disse o pai da psicanálise. Como mensageiro do Pai, deificado, deve determinar a palavra, o verbo, os verdadeiros sentidos e significados de seus ensinamentos, e transmiti-los exatos, intocados e descontaminados.

Como explica Villela (1997), a palavra hermenêutica, tratada como a ciência que se propõe codificar os processos conscientemente empregados para entender o significado de uma comunicação (cf. Virkler, apud Villela, p. 65), teve origem no nome de Hermes, o deus grego responsável por conduzir as mensagens divinas, interpretando e transmitindo a palavra de Deus a seus desafortunados destinatários (cf. p. 65). E é essa a expectativa que envolve a tarefa do tradutor freudiano, como Hermes, ele deve "capturar e transmitir" a palavra divina, do pai.

Diante de um texto que se toma como sagrado, no gesto de busca pela verdade da mensagem divina, o tradutor luta por apropriar-se do próprio do texto, daquilo que lhe dá sua marca, seu nome próprio, inaceitável que é imaginar que a palavra de Deus possa ter tantos significados quantos forem seus leitores.

E na sacralidade do texto freudiano, uma sacralidade que, como aponta Bloom, nasce da legitimidade instituída por um contexto, ou uma comunidade que a eleja como tal, e Bloom enumera como textos sagrados pareando a Bíblia, tanto o texto de Shakespeare quanto a escritura freudiana (cf. Bloom apud Campos 1993, p.91), há o que Walter Benjamin sinaliza como sendo o intocável do original. Na metáfora da ânfora, como comenta Derrida, Benjamin sinaliza com a noção de que há o intocável do texto, aquilo que lhe confere a originalidade, e que na visão de Derrida permanece como um algo a-ser-traduzido, no espaço entre o original e suas traduções. A imagem da ânfora, desenhada por Benjamin (1969), nos fala dos:

fragmentados do vaso, que serão colados juntos, que devem ser contíguos nos menores detalhes, apesar de não necessariamente se mostrarem idênticos um ao outro. Da mesma forma, uma tradução, ao invés de traduzir-se similar ao significado do original, deve, amorosa e totalmente, em cada detalhe, incorporar o modo de significação do original, e assim, fazendo com que sejam ambos, original e tradução, reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, assim como os fragmentos são parte de um vaso (p. 78).

A partir dessa metáfora de Benjamin, e seguindo o raciocínio de Derrida, a tradução, como os cacos do vaso reconstituído, "não reproduz, não representa, não restitui" o significado do original na totalidade prometida pela língua, ela não faz senão expandir o corpo das línguas, "amorosamente" tocando aquele ponto infinitamente pequeno de significação (cf. 1985, pp. 189-190).

Aquele intraduzível que Derrida aponta na metáfora babeliana, como sendo o nome próprio de Deus, impronunciável, que promove a divisão, a confusão, a interdição, aparece aqui, na metáfora da ânfora, como sendo esse ponto "infinitamente pequeno de significação". Pela ousadia do povo semita, de querer forjar para si mesmo um nome, erigir uma construção na unidade de um lugar, de uma língua do um com o outro, Deus lhes traz a punição na forma da multiplicidade das línguas, que ao inaugurar a necessidade da tradução, simultaneamente impede a unidade, do nome, da língua, da reconstrução do um com o outro.

É desse intocável que fala a metáfora de Babel, que fala a metáfora da ânfora.

Nas palavras de Derrida (1985), "o sagrado e o a-ser-traduzido não se permitem ser pensados um sem o outro. Eles se produzem na borda do mesmo limite" (cf. p.191). No contrato tradutório que se estabelece entre o original e a tradução, a língua daquele traz em si uma promessa de oferecer seu a-ser-traduzido à tradução, a promessa de um reino onde ambas, a língua do original e a língua da tradução, se reconciliariam, um reino que promettesse a unidade através da verdade do original. Porém, "esse reino nunca é alcançado, tocado, trilhado pela tradução. Há algo intocável, e nesse sentido, a reconciliação é apenas prometida" (ibidem, p.191).

Ainda em relação à promessa da língua, em torno da qual Derrida tece suas reflexões, é justo esse intangível que permanece como promessa, que fascina e orienta o gesto do tradutor. Ele quer "tocar o intocável", quer apropriar-se da verdade prometida pelo original, deseja apropriar-se de seu nome próprio. E na metáfora de Babel, é esse nome próprio, o que permanece a-ser-traduzido no texto sagrado, que institui a lei imposta pelo nome de Deus, que de um só golpe determina e proíbe que se traduza, apresentando e dissimulando o limite entre uma e outra.

Ao responder à pergunta que demanda afinal um esclarecimento acerca do que consiste

esse intocável, Derrida reconhece, que na outra metáfora engendrada por Benjamin, ele apresenta esse intocável do original como sendo um núcleo, seu cerne. Um corpo real que tem na melhor tradução nada além de um manto que "se ajusta mas não se une totalmente ao corpo real" (ibidem, p. 194). Nesse intocável, nesse núcleo, podemos reconhecer um nó que resiste à dissolução, à apropriação, e é porque resiste à apropriação do tradutor, que esse resto atrai novas traduções. Esse resto, que se apresenta como um entrave à tradução, é similar àquele nó que, na psicanálise, excede à análise, na análise do sonho, do qual nos falou Freud. No começo do texto *The Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis*, Lacan afirma: "o que Freud chama de o umbigo – o umbigo do sonho, [...], para designar finalmente, seu centro desconhecido, que é simplesmente, assim como o umbigo anatômico que o representa, aquele hiato do qual eu já falei (cf. Lacan apud Derrida, 1998, p.11).

Mas Freud também nos oferece as bases da lei que comanda que se interprete a resistência à análise como sendo a recusa na aceitação da solução. Portanto, o que excede é um nó que não se permite ser solucionado, resolvido, desatado, que mesmo cortado, como o cordão umbilical, permanece para sempre marcado no corpo, uma cicatriz contra a qual a análise nada pode. Como conclui Derrida, digamos que esse nó não seja unicamente uma resistência, mas algo que excede, uma sobra, um resto não apreensível, que escapa e está sempre acolá.

O que está em jogo nesse nó, no resto, afinal, é o sentido e a verdade, uma verdade intocável que resiste à apropriação, mas que determina sua busca, transformada que é em fantasma imaterial, inominável, insolúvel, transformada numa espécie de lei da tradução, a sobra que demanda que lhe traduzam, mas que não se permite traduzir. O resto que inaugura a dupla lei da tradução, a necessidade e a impossibilidade – a dupla lei que se apresenta sob o nome de *double bind*.

III.3 - *double bind*

Bem sabes Tu, Senhor, que o bem melhor é aquele
Que não passa, talvez, de um desejo ilusório.
Nunca me dês o Céu... quero é sonhar com ele
Na inquietação feliz do Purgatório...

Da Inquietante Esperança
Poesias
Mário Quintana

Em seguida à essa reflexão exposta no subcapítulo anterior, quando exponho o que é essa dupla lei da tradução da qual fala Derrida, e que é por ele nomeada de *double bind*, é mister voltar a buscar na tradução do *Projeto*, o momento em que essa dinâmica da tradução, esse *double bind* se revela de maneira mais anunciada.

O tradutor Gabbi Jr. dá-nos mostra de estar tomado por essa dupla demanda da tradução, de estar por ela envolvido, quando expõe no recurso das remissões tanto a exigência de traduzir na totalidade o sentido que julga encontrar no corpo lingüístico do original, quanto a impossibilidade de traduzir a totalidade que supõe existir no corpo lingüístico do texto original. Mesmo que não se dê conta disso, de que está à mercê do *double bind*, Gabbi Jr., bem como todo e qualquer tradutor que se lance à tarefa de traduzir, revela todo o sofrimento da necessidade e da impossibilidade da tradução.

Naquela dinâmica das remissões, essa imposição dupla do traduzir revela de forma

dramática a necessidade do tradutor diante de qualquer texto tomado como original - buscar seus sentidos exatos.

Com o objetivo de fixar esse sentido que localiza na linguagem, nos conceitos e na teorização freudiana, Gabbi Jr. busca nas muitas remissões um meio através do qual esclarecer todas as nuances da língua de Freud, de seu modo de falar, de seu vocabulário. O recurso às remissões pretende estancar a disseminação das leituras e dos significados que Gabbi Jr. inegavelmente identifica existir na linguagem do original. Mas a cada palavra que encontra e que pretende esclarecer, o tradutor se depara com novos conceitos, novos sentidos, que escapam às explicações que oferece. E nesse caminhar, Gabbi Jr. necessita de novas explicações, demanda uma nova remissão, que pretende cercar algo que não foi contido na remissão anterior. Um resto sempre sobra e Gabbi Jr. vê-se compelido a abrir novas remissões para estancar um vazamento de sentidos que não foi contido. Sobrou um resto, que o tradutor sente necessidade de estancar, de conter, um resto que necessita de tradução. Na impossibilidade de estancar a disseminação de sentidos, novas remissões surgem, novas explicações são necessárias, novos esclarecimentos são exigidos.

Num movimento que estabelece um eterno adiar do fechamento. Esse resto que sempre escapa ao cerco pretendido pelo tradutor, gera uma dinâmica: aquela de um fechamento sempre adiado, sempre diferente. Ao tentar conter uma sobra aqui, outro resto aparece acolá, um resto diferente que, inevitavelmente, adia o fechamento de aparência imediata.

Derrida, ao desconstruir o conceito de signo, desestabilizando a noção metafísica de significante que supõe a presença em si do significado, expõe do interior próprio da teorização saussuriana seu ponto cego, sua aporia: Saussure fala da ilusão de que significante e significado

são entidades inseparáveis, quando marca o caráter convencional de qualquer linguagem; mas também mantém a ilusão de que o significante carrega um conceito em si próprio, na sua simples presença ao pensamento. Para Derrida, o tema do arbitrário é deixado de lado, sem que Saussure o leve até as últimas consequências.

Em sua reflexão, é na tradução que se vê a prática da diferença entre o significante e o significado, marcando nessa prática, o lugar da noção de tradução como transformação. Não é possível à tradução restituir um original em sua plenitude, significados puros, virgens e intactos. Desse ponto de vista, a tradução nunca é plena, haverá sempre a intermediação de um sujeito, não isento, não senhor da verdade do objeto do qual se supõe separado.

A tradução, escapando à promessa de restituição intacta da verdade, torna-se lei, dever e débito, do qual o tradutor não pode nunca se desvencilhar, uma dívida de plenitude que não pode jamais saldar. É dentro desse contexto que se afirma que a tradução é uma transformação, a busca pelo mesmo que gera sempre um outro.

No comentário que desenvolve em relação à resistência à análise, Derrida faz considerações sobre o *double bind* e sobre esse desejo por um núcleo intacto. Ferreira (1998), analisando essa reflexão derridiana acerca do *double bind*, conclui:

sem o desejo pelo intocável, nenhum desejo se moverá: sem o desejo de apropriação do original, não existe tradução. É uma necessidade premente que nos impele. Sem a Necessidade e sem o que interrompe e impede este desejo, o desejo ele mesmo não se revelaria. Há uma necessidade, um desejo por um núcleo intacto, que não existe; então, essa necessidade, esse desejo é interrompido e

impedido. Isso deflagra o *double bind*. É algo contra o qual nada se pode fazer. Ou seja, nada se pode fazer contra o *double bind*, pois não se assume o *double bind*, mas se suporta de várias maneiras. Se ele jamais é um e geral, mas a disseminação infinita de seus nós, é que, sem ele e sem a aporia que determina, decisão alguma teria lugar (pp. 102-3).

O que nos ensina toda a reflexão de Derrida em torno da resistência à análise é que a dinâmica do *double bind* move o tradutor em sua busca por aquele núcleo intacto, que não existe e é fantasma, mas que o move impondo-lhe a necessidade de tradução, de análise, e simultaneamente o impedindo e interditando. Essa é a lei que compele todo tradutor a "analisar interminavelmente", a um eterno traduzir daquilo que deve permanecer na condição de analisável. Como sintetiza Derrida, "um *double bind* não pode ser totalmente analisado: só se pode desatar um de seus nós puxando um outro para torná-lo mais firme, no movimento que chamei *stricture* (cf. Derrida 1998, p. 36).

A imagem que Derrida usa como forma de ilustrar a dinâmica da insolvência é o que chamou de *web* ou *net*. Citado por Derrida, Miguel Giusti¹² busca em Fausto, a associação que Mefistófoles faz entre a "fabricação do pensamento" e a "fabricação do tecido", comparando o enredar do pensamento à: "obra prima de um tecelão que maneja milhares de fios (*Fäden*), manipula a navete (*Schifflein*), formando milhares de ligações e nós (*Verbindungen*) com um único movimento (*Schlag*)" (cf. Derrida, p.15).

Como traduz Derrida,

¹² Em seu texto *Resistances*, Derrida menciona esse teórico que relaciona análise e tecitura.

É sabido que a trama do pensamento é como o tear de um tecelão, onde o fiar envolve milhares de fios, onde a navete desliza pra diante e pra trás sem parar; então entra o filósofo [esse é o atraso do filósofo, do retardatário que analisa depois do fato e cujos alunos nunca aprenderão o segredo de como se tornar um tecelão ou, por isso mesmo, por definição, ou por alergia, qualquer outro segredo] e demonstra como deve ser: o primeiro é assim, o segundo é assado, portanto, o terceiro e o quarto são desse jeito; e se o primeiro e o segundo não existiram, o terceiro e o quarto não existiriam também. Aprendiz de todos os cantos pensa bastante nesse raciocínio e ainda assim, nenhum deles se tornou um tecelão" (cf. Derrida, pp. 37-38).

Nessa linha de raciocínio derridiana, para Giusti, analisar é um processo de desembaraçar, desatar, desunir, libertar, liberar, solucionar. Porém, o que mostra a teia remissiva de Gabbi Jr., a teia ou tecido, (*web*), engendrada como estratégia para cercar significados e conceitos, é a impossibilidade de desembaraçar, desatar, desunir, libertar, liberar, solucionar um nó sem comprometer outros, sem trazer para o processo um nó adjacente.

Nessa trama de remissões de Gabbi Jr., na qual se mostra totalmente à mercê do *double bind*, o tradutor tenta cercar um conceito e, ao tentar analisar e chegar ao cerne de seu sentido, o que advém, é uma nova necessidade de esclarecimento, um novo sentido se apresenta a exigir tradução, a demandar-lhe análise. É o *double bind* a anunciar que não se pode nunca solucionar essa paixão, que não se livra dessa necessidade, que não se escapa nem se resolve esse impasse.

Só é possível desatar um de seus nós puxando outro, e ao invés de solução o que advém é "a infinita disseminação dos nós, de milhares e milhares de nós de paixão" (cf. Derrida, p. 37).

III . 4 - Anassemia

Tão comodamente que eu estava lendo, como quem viaja num raio de lua, num tapete mágico, num trenó, num sonho. Nem lia: deslizava. Quando de súbito a terrível palavra apareceu, apareceu e ficou, plantada ali diante de mim, focando-me: ABSCÔNDITO. Que momento passei!... O momento de imobilidade e apreensão de quando o fotógrafo se posta atrás da máquina, envolvido os dois no mesmo pano preto, como um duplo monstro misterioso e corcunda... O terrível silêncio do condenado ante o pelotão de fuzilamento, quando os soldados dormem na pontaria e o capitão vai gritar: Fogo!

Trágico Acidente de Leitura

Poesias

Mário Quintana

Como em qualquer campo de pensamento com a envergadura que tem a psicanálise, a preocupação com a transmissão de seus conhecimentos passa tanto pela necessidade de organizar todo esse novo conhecimento gerado a partir de seu fundador, como pela garantia de que sua tradução seja precisa, não apenas com o assunto da psicanálise, mas também com a "linguagem tão cuidadosamente escolhida por Freud" (cf. Bettelheim, 1982, p. 32).

Se Freud cria um campo de pensamento com a força de uma instituição religiosa, como sugerem Laplanche, Cotet e Bourguignon, é inegável que a transmissão de seus conceitos joga seu destino na terminologia e em sua capacidade de perpetuar conceitos. Freud, como fundador de um movimento de tal importância, é um criador de conceitos e vocábulos (cf. 1992, p. 60).

Um exemplo notório dessa força atribuída à necessidade de um vocabulário específico da psicanálise é a publicação do *Vocabulário da Psicanálise*, a iniciativa de Laplanche e Pontalis. A ambição de ambos era constituir um "*corpus juris* com força de lei", capaz de organizar "uma soma de saberes e de práticas cuja originalidade era um desafio à vontade codificante" (cf. Abraham, 1995, p. 191).

Longe dos anseios dos muitos teóricos citados e de suas expectativas de que a tradução produza um texto definitivo, atemporal, com ambições de ser uma reprodução fiel dos significados do texto original, o que faz a tradução do texto psicanalítico, antes de tudo, é trazer à tona tanto a natureza sagrada do legado de Freud, quanto, e principalmente, o caráter volátil da linguagem, e em particular dessa linguagem da psicanálise.

Esse impasse que localizamos na relação do leitor com o texto da psicanálise, mais aparente quando esse leitor tem como tarefa sua tradução, pode ilustrar uma questão constitutiva, própria da psicanálise, de sua linguagem, ou mais precisamente, do alemão de Freud. São prolixas na literatura que teoriza sobre a tradução dos textos da psicanálise as referências à língua peculiar de Freud, tanto no que se refere às escolhas de vocabulário, quanto ao estilo dialético de sua escrita.

Como comenta Darius Gray Ornston, "Freud extraiu a maior parte de seus termos descritivos da linguagem cotidiana e das psicologias convencionais, às vezes é difícil dizer onde seu emprego de uma palavra é exclusivo da psicanálise" (cf. 1999, p. 25). Essa atitude do pai da psicanálise é uma particularidade que introduz um novo discurso, próprio da psicanálise; uma nova linguagem que, na opinião de Derrida "altera radicalmente as palavras, as mesmas palavras da língua comum que ela continua usando e ainda assim, traduz-se numa língua completamente

outra: de modo que entre o texto traduzido e o texto em tradução nada aparentemente terá mudado, não obstante, haverá entre eles apenas relações de homonímia" (cf. 1979, p. 5).

São inúmeras as formas como adjetivam esse discurso singular de Freud. Numa pequena amostragem tirada do livro *Traduzindo Freud*¹³, organizado por Darius Gray Ornston, encontramos uma extensa lista de caracterizações dessa linguagem: "alemão vigoroso e flexível", "a beleza crua e a evocativa finura da língua de Freud", "uso flutuante da terminologia técnica", "modo ambíguo", "imaginativa e dialética", "palavras sutilmente sedutoras", "estilo literário", "estilo espontâneo, não impulsivo", "emaranhados lingüísticos", "complexo e descritivo", "irresistível", "experimental e progressiva", "refinamento do fraseado sutil", "evocativa", apenas para citar comentários pinçados das primeiras sessenta páginas desse livro, para o qual escrevem Alex Holder, Helmut Junker, Patrick Mahony, Darius Gray Ornston e Inga Villarreal. Ou ainda, para citar *Traduzir Freud* (cf. pp.14, 15 e 29), de Laplanche, Cotet e Bourguignon, onde identificam sua linguagem descrevendo-a como: "não pura", "tingida de vienense, de iídice, de francês, de latim, [...] de outros 'falares'", "qualidades literárias, "riqueza", "eloquência", "destreza", "força dramática", e um sem número de outros adjetivos, de descrições, de identificações que inevitavelmente apontam para uma certa unanimidade em relação ao que chamam de "língua" de Freud, seu estilo, seu vocabulário, seu discurso.

Enquanto traduz o original freudiano, Gabbi Jr. depara-se com as línguas entre as quais deve negociar, depara-se com a promessa de uma e a interdição e o desamparo da outra. Além disso, depara-se mais dramaticamente ainda, com vários conceitos psicanalíticos criados por

¹³ Para tanto, basta conferir as seguintes páginas: 10, 11, 17, 25, 27, 38, 55, 56. Numa amostragem, que por não pretender ser exaustiva, vai limitar-se às primeiras páginas dessa publicação.

Freud, depara-se com sua linguagem anassêmica, considerada quotidianamente imprópria para quem constrói um corpo teórico científico, depara-se ainda com um "modo de dizer", um discurso análogo e alusivo, que foi exaustivamente citado por aqueles que refletem sobre a complexidade do traduzir Freud.

Essa "língua" de Freud, que não se fundamenta necessariamente sobre um vocabulário, mas sobre um "modo de dizer", propicia o desconforto desnudado pela tradução do texto psicanalítico. Como não pensar nesse desconforto diante de toda a preocupação e dos esforços de Gabbi Jr. para o esclarecer termos, expressões e conceitos que encontrou durante seu trabalho de tradução. Além de todos os exemplos já citados, como não pensar nesse desconforto diante também de algumas ambigüidades com as quais teve que se haver Gabbi Jr. diante de *Entwurf*? Refiro-me a três notas: #107, #212, #247, através das quais Gabbi Jr. deve lidar com dois sentidos diferentes para o vocábulo *afeto*:

#107. *Afeto* é usado aqui no sentido de recordação, reprodução de uma vivência de dor. Mais tarde (ver nota #212), refere-se a qualquer irrupção quantitativa e, portanto, inclui também a reprodução das vivências de satisfação (o caso do sonho) (p. 136).

212. O termo *afeto* toma agora o sentido de qualquer liberação repentina de quantidade (ver nota #247). Assim, o afeto que produz o processo psíquico primário no sono decorre da eliminação da quantidade da parte nuclear do eu (p. 159).

#247. *Afeto* é usado no sentido de designar uma liberação motora de quantidade e, portanto, não se limita à vivência de dor. As vivências biológicas recordadas no sonho ("*pelo menos, dos normais*") são apenas as de satisfação; neste sentido, dado que no sonho são percorridos os caminhos de eliminação estabelecidos pela vivência de satisfação, o sonho é realização de desejo. Como o *eu* não ocupa todas as representações, o sonhador não se dá conta do sentido do sono. O prazer decorrente do onírico é pequeno no sentido das quantidades envolvidas serem igualmente diminutas [...] (p. 165).

A partir do exame dessas notas, vemos que a palavra *afeto* toma ora o sentido de *recordação*, *reprodução de uma vivência de dor*, ora *liberação motora de quantidade*.

Nessa necessidade de apreender os sentidos que julga estarem guardados no vocábulo *afeto*, o que Gabbi Jr. constata é a impossibilidade de uma fixação tranqüila. Em analogia com alguns conceitos-chave da psicanálise, como observa Abraham, *afeto* não se dobra "às normas da lógica formal", "não tem, no sentido estrito, nem extensão, nem compreensão" (cf. 1995, p. 211).

Como um sinal de que o discurso psicanalítico não se apoia no vocabulário, uma vez que foge à coerência e à regularidade semânticas, mas na "maneira de falar", esse evento-afeto faz aparecer o indizível e, buscando ainda ecoar a reflexão de Abraham, "põe em evidência, na casca dos vocábulos, a existência de descontinuidade, de emaranhados" (ibidem, p. 211) – uma descontinuidade que Gabbi Jr. tenta conter em três notas diferentes, mas que, ao contrário de seu desejo, não se deixam conter, mas promovem um desconforto, um impasse; não formaliza, mas

deixa evidente a impossibilidade de apreensão, de domínio e de racionalidades na busca de um sentido. Em suma, é o impasse que marca a relação de qualquer tradutor com o texto original que traduz.

Essa resistência a um fechamento, a um consenso, está, acima de tudo, enraizada de maneira perene nesse tema delicado e caro à teorização psicanalítica e à sua transmissão: a organização conceitual da psicanálise. Foi analisando esse nó, a resistência dos conceitos de Freud a uma fixação definitiva na tradução, que Abraham teceu toda a sua reflexão em *A Casca e o Núcleo*, quando forjou o nome de *anassemia* para se referir aos conceitos freudianos como "figuras da anti-semântica"; conceitos como "Prazer, Id, Ego, Econômico, Dinâmico".

Martin Thom (1981), em seu texto, *Verneinung, Verwerfung, Ausstossung: uma questão de interpretação em Freud*, analisa algumas particularidades próprias do saber freudiano que surgem na tradução do texto da psicanálise. Segundo Ottoni (1998), a partir de uma abordagem psicanalítica, Thom "discute efeitos da tradução desses termos [*Verneinung, Verwerfung, Ausstossung*] no interior da própria construção da psicanálise" (cf. p. 16). Como esclarece Ottoni,

através da análise das diferenças e semelhanças entre eles, [Thom] constrói seu argumento para explicar a existência de fissuras, que [...] podem explicar as traduções diferentes e influenciar o funcionamento da psicanálise. Ao articular o conceito de fissura, Thom abre uma brecha para pensarmos a tradução como algo não fixo que a própria psicanálise que ele analisa, tem dificuldade de assumir (p. 16).

Thom encontra no interior da própria construção teórica psicanalítica um lugar onde localizar as diferenças e conflitos que vêm à tona no processo da tradução. Como sintetiza Ottoni, "é o próprio funcionamento da psicanálise que dá condições, nesse caso, para se fazer uma aproximação entre tradução e psicanálise" (cf. p. 17). Um encontro que aproxima *double bind* e *anassemia*.

Como forma de ilustrar esse argumento, e sem querer esgotar todas as implicações que poderiam ser tiradas desse exemplo que exporei a seguir, proponho um breve exame do vocábulo *Besetzung*, em relação ao tratamento que recebe, na tradução de Gabbi Jr., no *Vocabulário* de Laplanche e Pontalis e na obra de Luiz Hanns (1998).

Ao examinar as palavras usadas para traduzir *Besetzung*, no *Vocabulário* de Laplanche, no *Dicionário* de Hanns e na tradução de Gabbi Jr., vemos que esse vocábulo do alemão recebe tratamento completamente diferente nessas três obras. No *Dicionário* de Hanns, encontramos: a palavra "catexia" como a primeira possibilidade de tradução para *Besetzung*, apesar do autor argumentar, que esse "não é um vocábulo corrente na língua portuguesa" (p. 91). É justamente calcado nesse argumento, da inexistência desse vocábulo no português, que Hanns justifica a comparação pontual que faz das "diferenças de significados e conotações" entre os termos *Besetzung* e a palavra *investimento* apenas. É interessante perceber que, nesse paralelo proposto por Hanns não há nenhuma coincidência entre os termos, seja entre o que aponta como seus significados, seja entre o que considera suas conotações. Outro detalhe que também chama atenção no estudo proposto por Hanns, é o levantamento que o autor faz de todos os momentos da obra freudiana em que Freud usou o termo *Besetzung*. Em todos os trechos listados, citados da *Edição Standart Brasileira*, a única palavra que aparece como a tradução desse termo em alemão

é "catexia".

Laplanche e Pontalis, no *Vocabulário*, não abrem espaço para a palavra "catexia". No lugar onde deveria estar a entrada da palavra *catexia* (p. 62), há uma indicação que remete o leitor para a palavra *investimento*. Justificam ser "admissível" a tradução desse vocábulo por "investimento", uma vez que "não há coincidência exata entre o termo alemão e o nosso" (*Vocabulário*, p. 254).

Finalmente, Gabbi Jr., diante da necessidade de traduzir *Besetzung* no texto do *Projeto*, justifica sua opção por uma nova palavra no português na nota #21:

Traduzimos *besetzen* por *ocupar*. Não utilizamos nem *investir*, nem recorremos à derivação grega '*catexizar*'. A razão está dada pelo próprio contexto em que o termo é usado em *Entwurf*. Um neurônio é ocupado (*Besetzung*) por uma certa quantidade, podendo estar vazio, desocupado (*leer*, ou seja, *wurde nicht besetzt*), outras vezes. As opções *investir*, *investimento* não são totalmente consistentes quando aplicadas a *Entwurf*. Se algo estiver ocupado, estará dotado de uma certa quantidade de movimento; se estiver vazio, estará em repouso. Aqui pelo menos, a analogia é derivada da física e não da economia. A outra opção implicaria em criar um neologismo, algo bastante contrário ao espírito da escrita de Freud que procura preservar os termos da linguagem ordinária (p. 116).

Não cabe aqui quaisquer considerações sobre a natureza das conclusões lexicais ou semânticas com as quais se envolvem esse tradutor e aqueles autores. O que revelam o cuidado

de Gabbi Jr. para negociar uma nova tradução desse vocábulo e todo o aparato investigativo de Laplanche e Pontalis, e de Luiz Hanns em torno de *Besetzung*, que na palavras de Hanns é "um conceito central no corpo teórico freudiano" (p. 100), é a impossibilidade de se atingir uma fixação definitiva e unânime para um sentido que atribuem ao termo em alemão.

O que se faz aflorar nesse percurso teórico da palavra *Besetzung* na obra freudiana é o desconforto criado por um resto que resiste a ser capturado pela linguagem das traduções. A despeito de ser unânime a aceitação da legitimidade da tradução de Strachey, seu texto não foi capaz de conter na palavra *catexia* uma sobra eternamente localizada no vocábulo *Besetzung*. Algo do conceito freudiano supostamente encapsulado pela palavra *Besetzung* resiste a todas as tentativas de fechamento. Nenhum dos dicionários, dos vocabulários, dos trabalhos de exegese ou das traduções foi capaz de conter essa disseminação detonada por esse conceito freudiano. Um resto impalpável que não se deixa conter, que não é estancado por qualquer termo a ele associado, permanece gerando a necessidade, e por conseguinte, a impossibilidade de outra tradução. Portanto, para Gabbi Jr., nem o termo *catexia*, nem a palavra *investimento*, contêm carga semântica suficiente capaz de sintetizar o sentido que supõe ver em *Besetzung*.

Nessa necessidade de apreender os sentidos que julga estarem guardados no vocábulo *Besetzung*, o que ilustra todo esse evento investigativo é a impossibilidade de uma fixação definitiva. O impasse gerado pela tradução tanto de *Affekt* quanto de *Besetzung* vem apenas confirmar aquela descontinuidade da qual nos fala Thom, o emaranhado, a fissura que atravessa os conceitos freudianos. Os vocábulos *Besetzung* e *Affekt* fazem aparecer o indizível, deixam à mostra a fissura que impede o inteiro. Esse desconforto, esse impasse, a impossibilidade de apreensão estão ainda ilustrados pela rebeldia tradutória de Gabbi Jr., ao refutar todas as

traduções anteriores em nome de uma nova tradução, de uma nova solução com a qual lidar com o conceito freudiano referido pelo vocábulo *Besetzung*.

Aqui vale lançar outro questionamento, como traduzir uma linguagem que, segundo Abraham, aponta para o não-sentido? Como traduzir uma linguagem que faz "uma alusão ao não-reflexivo e ao inanimado que, induz, com efeito, esse fenômeno inédito e estranho [...] *anassemia*" (ibidem, p. 198)? Como traduzir um texto em cujo discurso a linguagem quotidiana, no exemplo acima representado pela palavra *afeto*, é alçada à condição de linguagem específica de uma área de conhecimento e, por conseguinte, com a missão de guardar conceitos seminais e próprios dessa mesma área? No contexto da psicanálise, traduzir transforma-se então num complexo processo de negociação de significados, um processo de tomada de decisão, de escolhas que não asseguram um fechamento, que não trazem conforto. E são vários os motivos: porque o texto freudiano é sagrado, porque representa o pilar fundador de um campo de conhecimento vasto e importante, porque a linguagem freudiana dá a esse texto um perfil próprio e especial, porque a psicanálise resiste, além de qualquer outro campo de conhecimento, a toda tentativa de fechamento.

CAPÍTULO IV – A TAREFA TRADUTÓRIA: Uma promessa de conclusão

IV.1 - A sobrevida do texto

Eis um problema! E cada sábio nele aplica
As lentes abismais.
Mas quem com isso ganha é o problema, que fica
Sempre com um x a mais...

Da Análise
Poesias
Mário Quintana

Em relação ao *Projeto*, a despeito de não ter brotado diretamente da pena de Freud, seu título, freudianamente feliz, poderia ser empregado aqui para suscitar uma reflexão em torno das principais questões abordadas nessa dissertação. Tanto em alemão, *Entwurf*, quanto em inglês, *Project*, quanto em português, *Projeto*, a concepção que temos associada ao vocábulo é aquela de um plano traçado no presente, que joga sua realização no futuro. É portanto um projeto, um desejo no presente com realização prometida no futuro, que marca o texto de Freud: elaborar um modelo neurológico que desse conta do aparelho psíquico. Contrariando seus planos, seu projeto, a julgar pela maneira como Freud abandonou, e posteriormente quase destruiu os manuscritos, *Entwurf* passou ao largo da realização plena prometida, ou perseguida, por ocasião de seu nascimento. O sonho com o qual Freud iniciou seu *Projeto*, a elaboração de um modelo neuronal, não se realizando, certamente contribuiu para que o pai da psicanálise, continuasse sua jornada em busca dessa meta, desse sonho, desse projeto.

E da mesma forma podemos nomear de projeto a motivação de Gabbi Jr. ao traduzir *Entwurf*. Seu objetivo, seu projeto de encontrar Mill em Freud, de apontar os fundamentos filosóficos que serviram de base para a reflexão freudiana, prometida pela presença das notas, também não se concretiza de forma a rebater possíveis questionamentos. Aquilo que anunciou e prometeu o filósofo Gabbi Jr. não pôde ser descrito e realizado pelo tradutor. Seu *Projeto* milliano permaneceu o que é toda tradução, um projeto, uma promessa, um desejo, posto que é o desejo de apoderar-se do texto do outro, de esmiuçar suas entranhas e arrancar-lhe sua verdade, que move todo tradutor. Ainda assim, podemos dizer que a tradução como projeto promete mas não realiza, move-se entre o necessário e o impossível.

A necessidade e a impossibilidade parecem ser também os dois fantasmas que assombram o que se supõe ser o corpo teórico da psicanálise, aquilo que é prometido pelo conjunto da obra freudiana. Assim como a tradução, há uma psicanálise que precisa acreditar-se viável, um conjunto de saberes exatos, claramente delimitado, inequivocamente compreensível, fechado e isento de contaminações, passível de repetição exata e inquestionável. Mas esse, que se apresenta como seu grande projeto, como um plano perseguido e necessário, está sempre a se insurgir contra uma conclusão final. Atingir a unidade, a verdade, a origem, a presença em si mesma continua sendo, e será sempre, o sonho perseguido por uma parcela de estudiosos da psicanálise como campo de conhecimento. Um conjunto de conhecimentos que teima em se transformar nas mãos de tradutores, de estudiosos, de profissionais, e de todos aqueles que dele se aproximam, justamente com o projeto de revolver suas entranhas e delas extrair finalmente a verdade, seu umbigo, seu nó, seu mais originário, seu mais elementar.

O acesso a essa verdade única e indivisível é também, como lembra Derrida, o grande

projeto do pensar filosófico. Para Derrida, a operação filosófica aposta na possibilidade de uma tradução exata, já que, para a filosofia, "o que importa é a verdade, o significado, e uma vez que o significado existe anterior e além da linguagem, segue-se que ele é traduzível" (1985a, p. 120). Para essa filosofia, a tradução é entendida como transporte exato de um conteúdo semântico de um significante a outro, de uma forma de linguagem para qualquer outra. Essa parcela da filosofia tem necessidade da tradução entendida como transporte exato, livre de perdas, entre quaisquer formas de linguagem. Nesse aspecto, Gabbi Jr., o filósofo, aproxima-se de *Entwurf*, movido pelo projeto de encontrar a verdade filosófica do texto freudiano, acreditando na possibilidade de traduzi-lo completo, sem perdas e sem contaminação. Entretanto, como continua Derrida, lá onde a tradução nesse sentido for derrotada, também a filosofia encontrar-se-á vencida. Lá, onde o tradutor Gabbi Jr. mostrar-se derrotado em seu projeto tradutório, também o filósofo Gabbi Jr. estará vencido em seu desafio de traduzir a verdade filosófica do texto de Freud.

Novamente, esse desejo, esse projeto filosófico e tradutório encontra uma resistência inquebrantável, contra a qual não há solução, só impossibilidade, que no entanto, não impede que a necessidade se imponha e promova novos planos, novos projetos, novos estudos, novas traduções.

A tradução de Gabbi Jr., frustrando seu projeto, ao contrário de perpetrar um verdadeiro retorno a Freud, no que esse verdadeiro guarda de exato, promove um legítimo retorno a Freud, no que esse legítimo guarda de possível e interpretativo. Contrariando o desejo de garantir a repetição dos supostos conceitos da psicanálise, da linguagem toda própria atribuída a Freud, o que faz a tradução de Gabbi Jr. de forte e verdadeiro é garantir que o texto de Freud sobreviva no

tempo, através de sua leitura, do seu ato de suplementação – uma sobrevida materializada tanto no corpo traduzido quanto nas 531 notas de onde brota o texto freudiano.

Como afirma Derrida (1986), em relação a qualquer texto sagrado,

ele só sobre-vive se é, *simultaneamente* traduzível e intraduzível (...).
Totalmente traduzível, ele desaparece como texto, como escritura, como corpo de uma língua. Totalmente intraduzível, mesmo no interior do que se acredita ser *uma* língua, ele morre logo. A tradução triunfante não é então nem a vida nem a morte do texto, somente ou até mesmo a sua sobrevida.

Justamente por seu caráter sagrado, por se constituir numa tradução anassêmica, por estar sujeita à dinâmica do *double bind*, é que a escritura psicanalítica sobrevive, suscitando traduções, cujo ideal, cujo plano, cujo projeto é incluir aquele resto, necessário e impossível, identificado ausente nos textos anteriores.

O que se observa, é que, nas mãos de Gabbi Jr., *Entwurf*, o *Projeto*, e aqui devo retomar a epígrafe e fazer minhas as palavras de Derrida, "não é um objeto dado, ele vive e continua na mutação: 'pois em sua sobrevida, que não mereceria esse nome se não fosse mutação e renovação de alguma coisa viva, o original é modificado. Mesmo para as palavras que estão solidificadas há ainda uma pós maturação.'"

Entwurf einer Psychologie - um projeto iniciado de forma apaixonada por Freud há mais de uma centena de anos, rejeitado e quase destruído por não ter respondido às suas expectativas; publicado pela primeira vez, mais de meio século depois de escrito, anos após a morte de Freud,

dono de uma história rica e interessante, - continua suscitando reflexões, traduções, polêmicas, disputas, paixões. Gabbi Jr. aproximou-se do *Projeto* levando consigo seu próprio projeto, suas expectativas, sua necessidade de descobrir-lhe a verdade, a origem, seu núcleo, sua história. Como qualquer texto de Freud, como a própria psicanálise, como a filosofia, como a tradução, ou qualquer projeto que tenha como *leitmotive*, tornar real o fechamento, tornar presente a origem, permanecem todos como promessa, como projetos. Traduzir a psicanálise, construir o corpo teórico da psicanálise, materializar o filosofema, traduzir a presença, permanecem como tarefas a serem concluídas, eternamente adiadas e renovadas, permanecem inquietantes, movidas pela necessidade, pela paixão e pelo desejo. Mas é justamente por serem impossíveis que continuam possíveis; por não se permitirem terminadas, é que permanecem vivas, em constante processo de finalização, eternamente em construção, em constante elaboração, renovadas e por isso mesmo, pulsando, na sobrevida que só a tradução, a releitura, a interpretação permitem. O *Projeto*, pelas mãos de Gabbi Jr., ganha vida nova, novos contornos, uma nova leitura. O tradutor inicia sua tarefa tradutória a partir de um projeto que, se não se realiza como objetivo, se realiza como promessa, como leitura, como tradução transformadora, como única possibilidade de sobrevida de qualquer texto.

Referências bibliográficas

- ABRAHAM, Nicholas (1995) *A Casca e o Núcleo*. In: *A Casca e o Núcleo* (trad. Maria José Faria Coracini, São Paulo: Editora Escuta.
- ARROJO, Rosemary (1992) *Oficina de Tradução - A teoria na Prática*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática S.A.
- BERMAN, Antoine (1992) *The Experience of the Foreign - Culture and Translation in Romantic Germany*. Translated by S Heyvaert. State University of New York Press.
- BETTELHEIM, Bruno (1982) *Freud and the Man's Soul*, New York: Knopf.
- DERRIDA, Jacques (1985) *Des Tours de Babel*. In: *Difference in Translation* (Joseph F. Graham ed.) Cornell University Press, pp.165 – 207.
- _____ (1985a) *The Ear of the Other - Otobiography, Tranference, Translation*, (translated by Peggy Kamuf), New York: Schocken Books.
- _____ (1986) *Survivre*. In: Parage. Paris: éditions Galilée.
- _____ (1971) *Freud e a Cena da Escritura*. In: *A escritura e a diferença*, trad. Maria Beatriz M. N. da Silva. São Paulo: Ed. Perspectiva – Coleção Debates.
- _____ (1979) *Me – Psychoanalysis: An Introduction to the Translation of "The Shell and the Kernel" by Nicholas Abraham*. In: *diacritics*, pp. 4-12.
- _____ (1998) *Resistances*. In: *Resistances of Psychoanalysis*. Translated by Peggy Kamuf, Pascale-Anne Brault & Michael Naas. California: Stanford University

Press, (pp. 1 a 38).

FERREIRA, Élide Paulina (1998) O modelo teórico integral de tradução: entre a necessidade e a impossibilidade. Dissertação de mestrado. IEL - Unicamp. Campinas, SP.

FREUD, Sigmund (1995) Projeto de uma Psicologia. Trad. Osmyr Faria Gabbi Jr., Rio de Janeiro: Ed. Imago.

_____ (1976) Projeto de uma Psicologia. Tradução de Jayme Salomão. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 1, Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

HANNS, Luiz Alberto (1998) Dicionário Comentado do Alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago.

LAPLANCHE, Jean, COTET, Pierre & BOURGUIGNON, André (1992) Traduzir Freud. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J.B. (1983) Vocabulário da Psicanálise. Trad. Pedro Tamen, São Paulo: Martins Fontes.

MAHONY, Patrick (1990) Psicanálise e Discurso. Trad. Raul Fiker e Ricardo P. Lopes, Rio de Janeiro: Imago.

MICHAUD, Ginette (1998) "*Freud: N. do T. ou Afetos e fantasmas nos tradutores de Freud*" In: Tradução a prática da diferença, org. Paulo Ottoni, trad. Olivia Niemeyer, pp. 91-115).

ORNSTON Jr., Darius Gray, Org (1999). Traduzindo Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago.

OTTONI, Paulo R. (1994) *Tradução: Reflexões sobre Desconstrução e Psicanálise*, texto inédito, apresentado no V Encontro Nacional de Tradutores, UFBA.

_____ (1994) "*Introdução à prática da diferença*". In: Tradução a prática da diferença, org. Paulo Ottoni, trad. Olivia Niemeyer, pp. 91-115).

THOM, Martin (1998) *Verneinung, Verwerfund, Ausstossung: Uma Questão de Interpretação em Freud*, Trad. de Érica Lima e Lúcia Kremer. In: Tradução a prática da diferença, org. Paulo Ottoni, pp.117-142).